

O QI: Revista Experimental do Curso de Comunicação Social –
Produção Editorial / Universidade Federal de Santa Maria,
Centro de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de
Ciências da Comunicação, Curso de Comunicação Social,
Produção Editorial. — Vol. 1, N. 1 (2012) – . — Santa Maria,
2012 – ____.

Anual

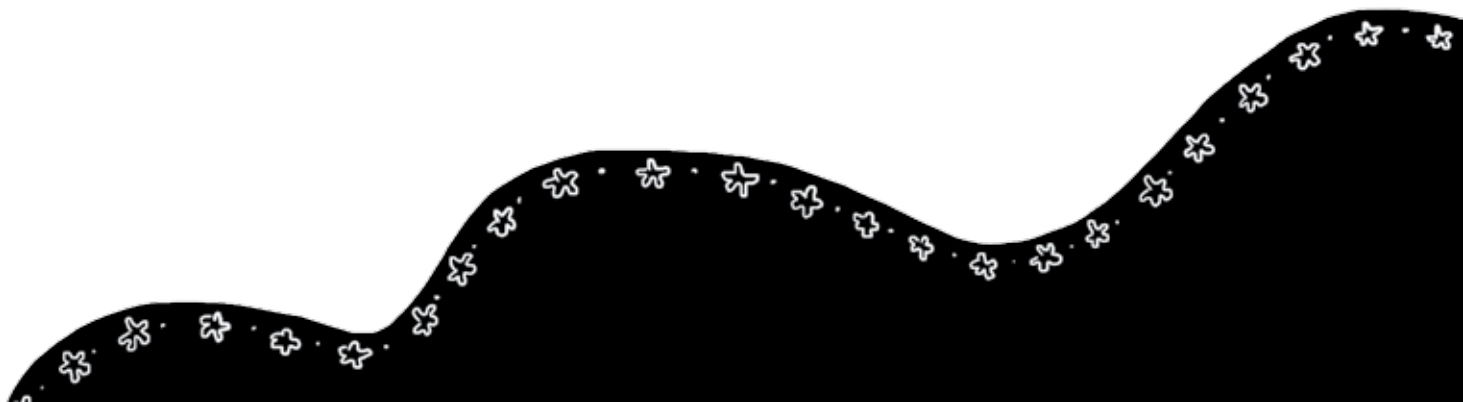
ISSN 2316-5588

V. 5, n. 5 (2016)

Disponível em: www.revistaoqi.wordpress.com/edicoes.

1. Comunicação Social - Periódico. 2. Produção Editorial –
Periódico. 3. Revista acadêmica. I. Curso de Comunicação Social –
Produção Editorial.

Ficha catalográfica elaborada por Fernando Leipnitz
CRB-10/1958 Biblioteca Central da UFSM.



Editorial

Caro leitor!

É sempre um prazer acompanhar o lançamento de uma nova edição! Em especial, revelar o talento e a dedicação dos nossos alunos!

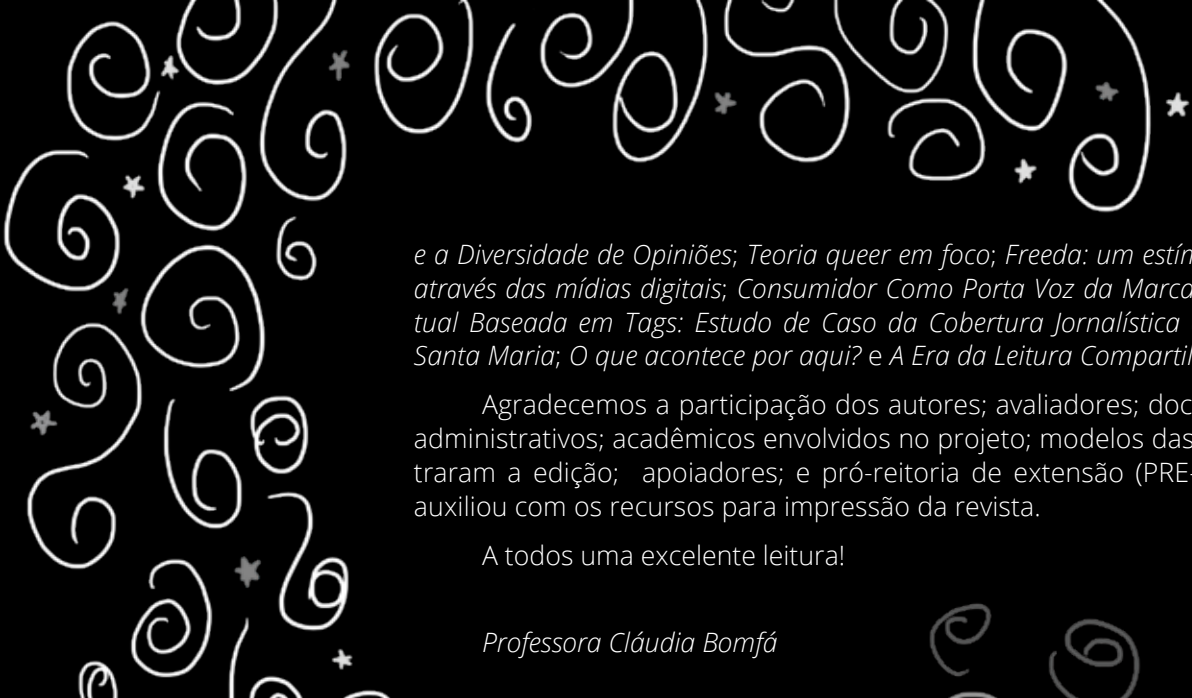
Nossa equipe editorial tem a satisfação de convidá-lo a ler a edição 2016, v. 5 n. 5 da *Revista OQI*, uma publicação experimental em versão impressa e digital, realizada pelos acadêmicos matriculados na disciplina de Projeto Experimental em Revistas Científicas, do Curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM.

A publicação visa apresentar conteúdo técnico-científico na área da Comunicação Social, com ênfase em Produção Editorial, levando este conhecimento aos leitores provenientes de iniciação científica, bem como à comunidade acadêmica em geral.

Essa edição aborda a temática: Diversidade em seus aspectos sob o olhar cultural, étnico, sexual, gênero; acessibilidade e inclusão social contando também com artigos livres de áreas afins.

A equipe editorial da Revista OQI preparou uma edição repleta de novidades! Os artigos temáticos e livres contam com a autoria dos acadêmicos e docentes da Comunicação. Temos também reportagens e entrevistas especiais! Confira o roteiro da publicação: *Protagonismo Feminino no Cinema: Uma Análise do Filme "A Que Horas Ela Volta?"*; *Núcleo de Acessibilidade: um suporte para todos*; *Imprensa Colorida – 53 Anos de História*; *Diversidade na ponta do lápis: A arte como forma de empoderamento e representação de minorias*; *Coletivo Voe: Empoderamento LGBT em Santa Maria*; *Tribo da Lua Vermelha, um olhar interno*; *Inserção da Comunicação e Cidadania no Universo Transexual de Santa Maria*; *Moreno Rei: A história de resistência da comunidade negra na cidade de Santa Maria*; *Apontamentos Sobre a Internet*





e a Diversidade de Opiniões; Teoria queer em foco; Freeda: um estímulo ao respeito através das mídias digitais; Consumidor Como Porta Voz da Marca; Rota Hipertextual Baseada em Tags: Estudo de Caso da Cobertura Jornalística do Incêndio em Santa Maria; O que acontece por aqui? e A Era da Leitura Compartilhada.

Agradecemos a participação dos autores; avaliadores; docentes; técnicos administrativos; acadêmicos envolvidos no projeto; modelos das fotos que ilustraram a edição; apoiadores; e pró-reitoria de extensão (PRE-FLEX), que nos auxiliou com os recursos para impressão da revista.

A todos uma excelente leitura!

Professora Cláudia Bomfá



Expediente

Orientação	Prof. ^a Cláudia Regina Ziliotto Bomfá
Avaliadores	Romulo Tondo, Sandra Depexe, Flavi Ferreira Lisboa Filho, Leandro Stevens e Camila Rodrigues
Capa	Jamille Coletto e Sara González
Projeto gráfico e diagramação	Carolina Motter Pizoni, Jamille Coletto, Patrick Hundertmarck, Sara González e Tales Richter
Supervisão de diagramação	Danielle Neugebauer Wille
Modelos	Élle de Bernardini (Capa) e Andressa Carvalho (Sumário)
Ilustrações	Carolina Motter Pizoni, Jamille Coletto e Sara González
Gestão editorial	Daiane Bedin e Rafaela Chagas
Equipe de Conteúdo	Cristina Pietczak, Emanuelle Rosa, Emiliano Chagas, Raphael Costa e Sílvia Letícia Rengel
Web e divulgação	Pablo Mello, Luísa Spilimbergo, Letícia Sperotto, Júlia Rebellato e Raphaela Pontelli
Blog	Rafael Saggin e Edimar Quevedo

REVISTA O QI

<https://revistaoqi.wordpress.com/> - revistaoqi@gmail.com

PUBLICA – Agência de Inovação em Publicações Científicas. Av. Roraima, 1000, prédio 21
– Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil - 97105-900.

Este Projeto obteve recursos do edital FLEX 2016



artigo
P.67
APONTAMENTOS SOBRE A
internet e a diversidade de opiniões

entrevista
P.75

TEORIA QUEER EM FOCO

FREDDA:
um estímulo ao respeito
através das mídias digitais
artigo
P.81

resenha
P.87
CONSUMIDOR COMO
porta voz da marca

ROTA HIPERTEXUAL BASEADA EM TAGS:
Estudo de caso da cobertura jornalística
do incêndio em Santa Maria

ensaio
P.99
O QUE ACONTECEU POR AQUI

artigo
P.103
A ERA DA LEITURA COMPARTILHADA

artigo
P.15
PROTAGONISMO FEMININO NO CINEMA:
uma análise do filme "A que horas ela volta?"

artigo
P.25
IMPRENSA COLORIDA:
53 anos de história

entrevista
P.21
NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE:
um suporte para todos

entrevista
P.41
DIVERSIDADE NA PONTA DO LAPIS:
empoderamento
LGBT em Santa Maria

ensaio
P.35

ensaio
P.49
TRIBO DA LUA VERMELHA:
um olhar interno

artigo
P.55
INSERÇÃO DA COMUNICAÇÃO
e cidadania no universo
transsexual de Santa Maria

resenha
P.63
MORENO PEI:
a história de resistência
da comunidade negra na
cidade de Santa Maria

DICIONÁRIO DE TERMOS

GÊNERO

Conceito formulado em 1970, trata da dimensão social e biológica da noção de sexo, indo muito além de definições como macho e fêmea, comuns antigamente.

SEXO BIOLÓGICO

Conjunto de informações genéticas, órgãos genitais, caracteres sexuais secundários e capacidade reprodutiva, que diferia classicamente machos e fêmeas. É um conceito criticado no campo das ciências sociais e humanas.

SEXUALIDADE

Elaboraões culturais múltiplas sobre os intercâmbios sociais que incluem desde erotismo, desejo e afeto até sexo, reprodução e questões ligadas à saúde, por exemplo.

BISSEXUAL

Termo que designa indivíduos que mantêm relações afetivas e/ou sexuais tanto com pessoas de mesmo gênero quanto de gênero diferente.

ORIENTAÇÃO SEXUAL

Refere-se às particularidades variantes de pessoa para pessoa, nos quesitos emocionais, afetivos ou sexuais por indivíduos de um gênero diferente ou de um mesmo gênero.

Refere-se à atração afetivo-sexual direcionada para pessoas de mesmo gênero ou gênero diferente, podendo incluir práticas sexuais, atração e afeto.

HOMOSSEXUAL

De forma abrangente, o termo foi cunhado para se referir a pessoas que se relacionam afetiva ou sexualmente com pessoas de mesmo gênero (atualmente considera-se incorreto usar o termo HOMOSSEXUALISMO uma vez que o sufixo "ismo" remete à doença nesta palavra).

HETEROSSEXUAL

Termo cunhado para designar indivíduos que mantêm relações tanto afetivas e emocionais quanto sexuais com indivíduos de gênero diferente ("oposto").

... INTERSEXUAL

Termo que se refere a uma variedade de condições (genéticas e/ou somáticas) com que uma pessoa nasce, apresentando uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas de feminino ou masculino.

PANSEXUAL

Termo utilizado para pessoas com desejo afetivo e sexual abrangente, sem restrições de gênero.

IDENTIDADE DE GÊNERO

É uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo.

ANDROGINIA

Refere-se a indivíduo que assume postura social, especialmente na questão do vestuário, que mescla e infringe divisões por gênero.

DRAG QUEEN

Pessoa que utiliza roupas tidas como femininas de forma extravagante e, por vezes, satírica para apresentações artísticas. É uma personagem, não uma identidade.

DRAG KING ...

Geralmente mulher que se utiliza de roupas tidas como masculinas, utilizando o exagero e a sátira para apresentações artísticas. É uma personagem, não uma identidade.

TRANSEXUAL

Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente daquela atribuída de acordo com a genitália na hora do nascimento.

LÉSBICA

Mulher atraída afetiva, emocional ou sexualmente por indivíduos de mesmo gênero.

TRANSGÊNERO

Terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade.

TRAVESTI

Pessoa designada como sendo do sexo masculino, mas cuja identidade de gênero é geralmente feminina, assumindo papéis de gênero diferentes daqueles impostos pela sociedade. É uma identidade.

LGBTQI

Apesar da sigla LGBT ser a mais utilizada no Brasil, no âmbito internacional inclui-se também o "Q" e o "I", para representar as palavras "queer" e "intersexuais".

QUEER

Termo resignificado, que atualmente se refere àquelas pessoas que não são cisgêneras ou heterossexuais e que não se baseiam na binariedade para a construção de um gênero ou identidade.

DEMISSEXUAIS

Pessoas que só sentem atração sexual por outras pessoas quando há uma conexão emocional, intelectual e/ou psicológica.

CISGÊNERO

Pessoa que se reconhece a partir do gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Provém do latim, "mesmo lado".

LGBTFOBIA

A expressão é utilizada de forma mais abrangente que HOMOFOBIA, uma vez que inclui mais explicitamente Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais.

FEMINISMO

Movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Seu principal objetivo é construir uma melhor condição de IGUALDADE entre as pessoas independentemente de sexo/gênero.

ALOSSEXUAIS

Indivíduos atraídos sexualmente por qualquer pessoa independente de vínculo emocional, psicológico e/ou intelectual.

HETEROFOBIA E RACISMO REVERSO

Postulados como uma forma de reação aos termos HOMOFOBIA e RACISMO, indicariam as manifestações de preconceito, ódio, medo ou repulsa por heterossexuais cisgêneros e por pessoas brancas. O emprego desses termos pode ser considerado condenável, uma vez que não existe um histórico de exclusão social destes grupos, sendo uma forma de manifestação pejorativa quanto à igualdade pleiteada pelo movimento LGBT.



ASSEXUAL

Forma de manifestação da sexualidade humana baseada na ausência de interesse sexual por pessoas, não sendo impeditiva da formação de laços românticos ou afetivos com terceiros.



RAÇA



Para o Movimento Negro, o conceito de raça foi ressignificado, visto que existem comprovações de cunho científico que dão conta de que as mudanças genéticas entre as “raças” são mínimas. O conceito de raça possui um sentido político, seria uma maneira de dizer como algumas características físicas (cor, cabelo, corpo) induzem, afetam e também determinam o lugar social de determinadas pessoas.
(Movimento Negro Unificado)

MISOGINIA

Ódio e repulsa às mulheres e/ou a figuras femininas, é uma forma de manifestação intensa de sexismo. Está diretamente relacionada com práticas de violência contra a mulher.

NÃO BINARIEDADE

Pessoas que não se identificam totalmente com a concepção binária de gênero (homem/mulher) e se colocam em algum ponto fora desta.

ETNIA

Refere-se a um coletivo de indivíduos que possui diferenças por sua especificidade sociocultural, que geralmente se reflete na língua, religião e nas maneiras de agir.

RACISMO



Funciona como um sistema de sentidos, tanto material quanto histórico que se caracteriza por ser uma forma de organização social onde uma determinada “raça” se sobrepõe em relação a outra, na maneira como esta acaba por se naturalizar como regra e por fim, acaba oprimindo as outras. Ele está presente na sociedade desde a maneira como ela esta organizada, até o mercado de trabalho, veículos de mídia, entre outros.

DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Segundo a ONU, significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, cor, ascendência, origem étnica ou nacional com a finalidade ou o efeito de impedir ou dificultar o reconhecimento e/ou exercício, em bases de igualdade, aos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou qualquer outra área da vida pública.

APROPRIAÇÃO CULTURAL

De forma direta, trata-se da banalização e mercantilização de elementos de determinadas culturas, de forma a ocultar todo um contexto histórico de luta que permeia essa cultura.

BIOCONSTRUÇÃO

Termo utilizado para se referir a construções onde a preocupação ecológica está presente desde sua concepção até sua ocupação. Já na concepção, as bioconstruções valem-se de materiais que não agredam o ambiente e seu entorno.

ECOVILA

Termo cunhado para designar uma entidade relativamente autônoma, que em determinada área preencha as principais funções sociais como moradia, sustento, produção, vida social e lazer de forma sustentável. As moradias em uma ecovila nunca estão posicionadas na natureza de modo a ocupá-la, mas estão integradas em meio a ela da forma mais orgânica possível.

PERMACULTURA

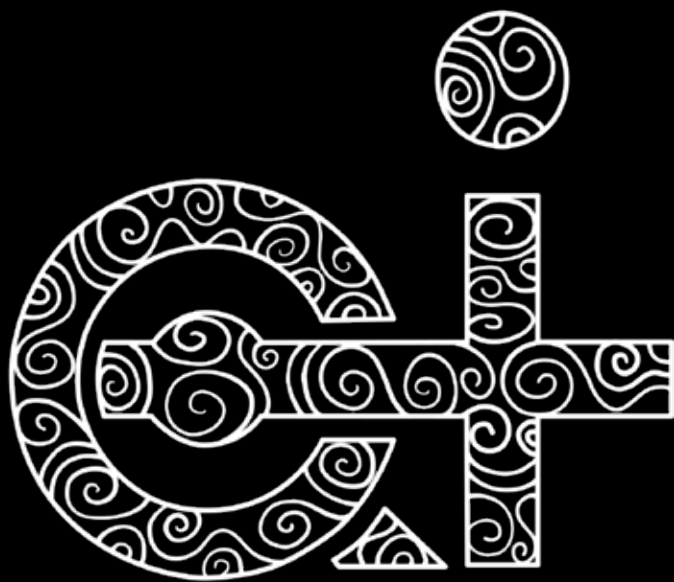
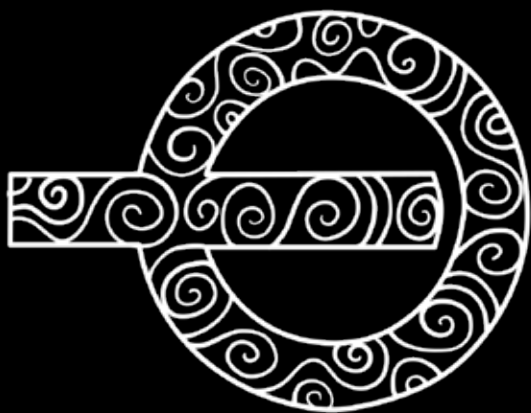
Cultura que engloba métodos holísticos para manter, atualizar e planejar sistemas em ambientes sustentáveis e de baixo custo. Está relacionado aos aspectos da cultura sustentável, que não agrida ao meio ambiente.

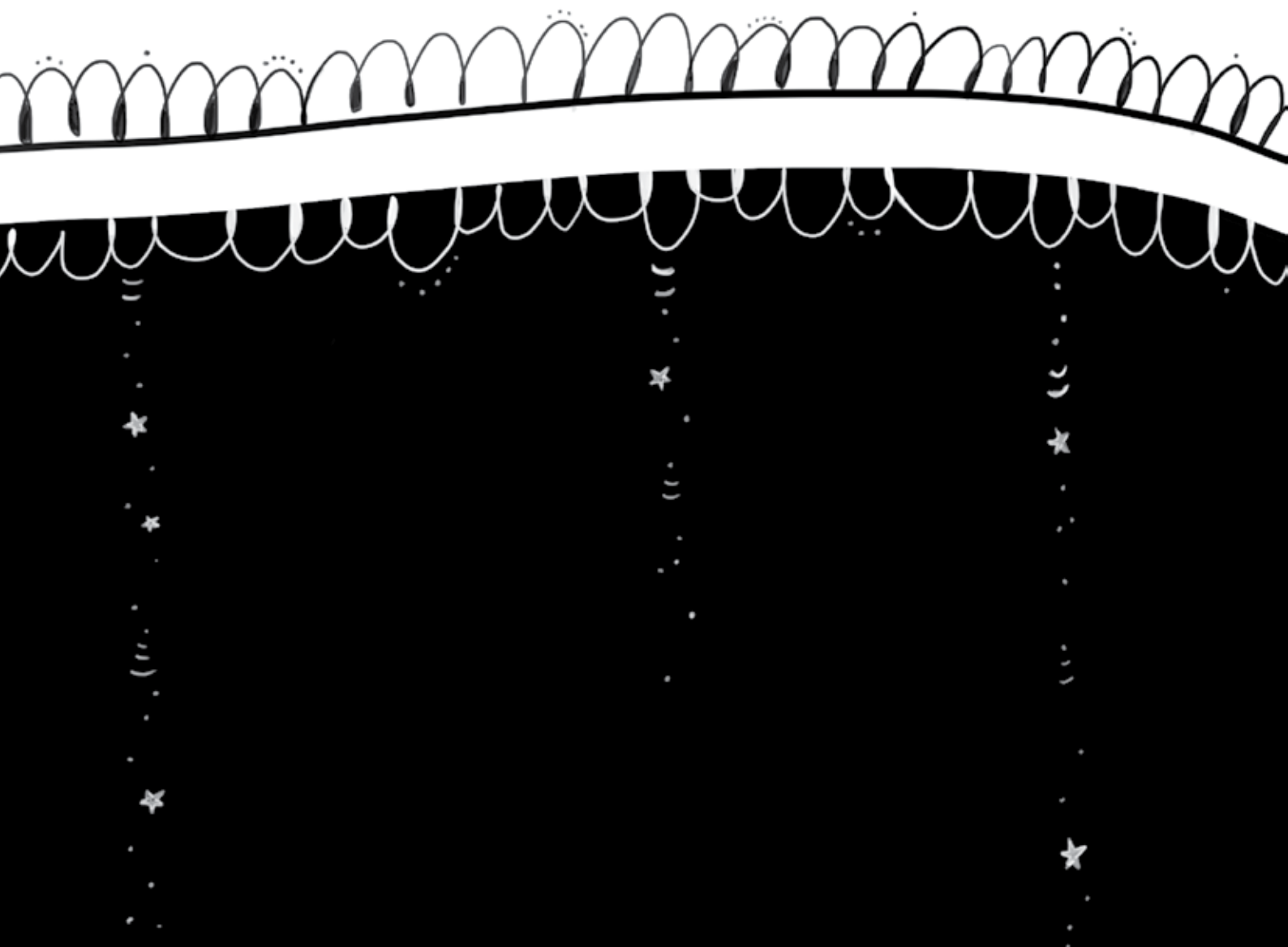
ACESSIBILIDADE

consiste na possibilidade de acesso a um lugar ou conjunto de lugares. Significa não apenas permitir que pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida participem de atividades que incluem o uso de produtos, serviços e informação, mas a inclusão e extensão do uso destes por todas as parcelas presentes em uma determinada população, visando sua adaptação e locomoção, eliminando as barreiras, consiste também em ter acesso a todo e qualquer material produzido, em áudio ou vídeo, para tanto adaptando todos os meios que a tecnologia permite.

COB

Material de construção composto por terra, areia e palha. O Cob é a prova de fogo, resistente a atividade sísmica e com custo quase nulo. Pode ser usado para criar formas artísticas, esculturais e paredes espessas também servem como massa térmica, fazendo com que a casa tenda a ficar quente no inverno e fresca no verão, tornando a temperatura interna fria de dia e quente a noite.





Protagonismo Feminino no Cinema: Uma Análise do Filme “A Que Horas Ela Volta?”

Fernanda Gabriela Soares dos Santos¹

Resumo

O trabalho a seguir faz parte das pesquisas da autora sobre gênero. Cabe aqui ressaltar que a mulher sempre teve uma ínfima presença no protagonismo do cinema brasileiro, salvo em casos em que ela aparece estereotipada ou que a personagem central precisa, necessariamente ser uma mulher. Analisaremos aqui um dos últimos sucessos do cinema brasileiro, a saber o interessante: “Que horas ela volta?”, no qual a personagem central é uma retirante que vem a São Paulo e não volta para a sua terra, abandonando por alguns anos a sua filha. O filme recebeu importantes prêmios em festivais nacionais e colocou importantes questões em discussão e o principal objetivo desse texto é fazer uma análise sobre tais questões.

Palavras-chave: Protagonismo. Cinema. Mulher.

Abstract

The following work is part of the author's research on gender. It is worth mentioning that the woman always had a very small presence in the leadership of Brazilian movies, except in cases where it appears formulaic or the central character must necessarily be a woman. I will analyze here one of the last successes of Brazilian cinema, namely interesting, “Second Mother,” in which the central character is a migrant who comes to São Paulo and does not return to her own land, leaving for a few years her daughter. The film won major awards in national festivals and put important issues under discussion and the main aim of this article is to make an analysis of these issues.

Keywords: Protagonists. Cinema. Women.

¹ Mestre em Educação
pela Universidade
Federal de Santa Maria.

Introdução

"Toda mulher quer ser amada
Toda mulher quer ser feliz
Toda mulher se faz de louca
Toda mulher é meio Leila Diniz"

Rita Lee

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise de um dos últimos sucessos do cinema brasileiro: *Que horas ela volta?*, protagonizado pela atriz Regina Casé. A história é simples e muito próxima à realidade. Val, a protagonista, vai a São Paulo tentar a vida e nunca mais retorna a Pernambuco, sua terra natal.

Apesar de não voltar a morar em Pernambuco, sua vida em São Paulo nunca mudou: foi trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família e passou todo o tempo nesse lugar, servindo e morando com os seus patrões, interagindo com os demais empregados da casa, morando nas dependências de empregada e saindo poucas vezes para se divertir com os seus colegas de trabalho, em lugares típicos que os nordestinos costumam divertir-se em São Paulo, como bares, casas de shows, etc.

De repente, Val recebe um recado de que a sua única filha Jéssica, a qual ela não visita há muitos anos, vai a São Paulo prestar seu primeiro vestibular. Um misto de alegria e desconforto aparecem a partir deste momento e em todo o resto do filme.

Misturada à tristeza de ter partido e de já não fazer parte daquele Nordeste que deixou para trás, a filha da doméstica agora coloca sob reflexão o lugar que ela ocupa naquela casa, naquele espaço e naquele contexto. Após anos dedicados àquela família e ao único filho do casal, Val é tratada sempre como alguém inferior: alguém que cumpre as suas obrigações e é paga por isso. Não há benefício algum para Val em troca do carinho e da proximidade com o único filho da família, que aparentemente possui uma relação melhor com ela do que com a mãe.

A primeira e única pessoa a colocar em questão essa relação é justamente a filha, que vai prestar vestibular. É a filha que repensa a presença da empregada, que questiona o tamanho de seu quarto e que se surpreende pelo fato de Val nunca ter entrado na piscina dos patrões. A filha despertou na mãe, a partir de sua chegada, o princípio de uma consciência de classe.

Referenciais

“Eu presto atenção no que eles dizem/mas eles não dizem nada.”

Engenheiros do Hawaii

A filha chega para fazer o vestibular, mas muda completamente a vida de Val. Desde o momento em que a menina, ao conhecer a casa, sugere ficar no quarto de hóspedes e não no quarto de empregadas, ao lado de sua mãe. Como se desconhecesse seu próprio lugar histórico e buscasse um lugar mais próximo aos patrões, o lugar em que de fato se reconhece e não como uma mulher submissa, tal qual a sua mãe que sempre naturalizou ocupar o lugar de empregada da casa.

O questionamento dos valores e dos espaços, embora abra caminho para algumas reflexões da mãe, transtorna a todos. Além disso, o patrão que se mostra sozinho e sem muito diálogo com nenhum membro da família, trata a empregada bem, mas com alguma distância, mostra-se bastante encantado com Jéssica.

Leva a menina para passear, mostra seus quadros e a presenteia com um deles, despertando a ira de sua esposa. O incômodo só se torna maior quando Jéssica é aprovada na primeira fase do vestibular da USP e o filho dos patrões não.

A pessoas mais próxima a dar consolo ao filho dos patrões, Fabinho é Val, demonstrando o carinho que sempre deu ao menino e mais uma vez a distância

que uma família de classe média pode criar entre seus membros, mesmo sendo pequena e todos morando na mesma casa.

Fabinho, o filho dos patrões, que usa a piscina, é muito próximo a empregada, a ponto de pedir para dormir abraçado nela, demonstrando um afeto de filho, afeto esse não recebido, aparentemente de sua mãe.

Para Hall (1997), o protagonismo feminino se inicia, sobretudo, a partir dos anos 1960. Para ele, o feminismo é o quinto descentramento que torna as identidades individuais menos monolíticas.

A saber, as mulheres, quando buscaram sua identidade simbolizada naquele momento histórico da queima de sutiãs e pela pílula anticoncepcional, tornaram os papéis mais flexíveis.

Foi esse movimento pela igualdade entre gêneros e esse papel novo ocupado pela mulher sobretudo no pós a II Guerra que permitiu que Val saísse do nordeste. Ao olharmos o processo de migração e a busca pelo trabalho nas regiões sul e sudeste pelos nordestinos, tal movimento era via de regra realizado por homens. E essa abertura vai ampliar a participação feminina nos mais diferentes espaços para além da exclusividade da vida privada.

Esse aumento da participação da mulher nas diferentes esferas permitiu que ela se sentisse no direito de buscar seus próprios caminhos, de lutar pelos seus direitos, ainda que para isso, precisasse sacrificar um tempo os próprios filhos.

Para sair e buscar seus caminhos Val precisou deixar a sua única filha,, porém conseguiu sustentá-la e lhe dar acesso a uma educação superior a que teve. Val descobre que Jéssica, para ir a São Paulo deixou o seu único filho Jorge. Dessa forma, Jéssica quase repetiu a história da mãe. Porém não a fez porque a mãe lhe proporcionou condições de estudar e isso a emancipará e a tornará agora protagonista de sua própria história, não a fará ficar confinada na casa dos patrões que nem conhecem a sua história, por exemplo.

Quando Val repensa o papel que ocupa na casa auxiliada por sua filha, resolve não mais ficar. Apesar de ter aumento oferecido, Val sente que já não faz mais parte daquele lugar e oportuniza, finalmente que a filha possa buscar seu

próprio filho e dessa forma, não repetirá a história de abandono e saudade que ambas protagonizaram.

Para Metz (1972), a mulher existe no contexto do patriarcado como significante do outro masculino, ou seja, a mulher não seria produtora de significado. Nessa acepção, o único produtor seria então, o elemento masculino. A mulher serviria como uma espécie de coadjuvante.

“Que horas ela volta?” serve para nos mostrar o contrário. Mesmo que durante séculos a mulher tenha sido obrigada a ocupar papéis secundários, em alguma medida ela sempre foi a protagonista de seu espaço. Mesmo que seus nomes não configurem alguns feitos, ela estava e sempre esteve: parindo, amamentando, alimentando, amando.

Considerações

“Olhos nos olhos
Quero ver o que você diz.”
Chico Buarque

“Que horas ela volta” nos coloca importantes questionamentos. O primeiro, e talvez por isso o mais importante deles seja o modo como o Brasil inteiro olha para o povo nordestino. Sobretudo para o nordestino que migrou, não estudou e se tornou uma mão de obra fácil de ser explorada e utilizada.

Não há trégua para essa massa, ela vai ser explorada e ridicularizada, dificilmente disporá de condições mínimas para estudar. Que horas sobram para uma empregada doméstica que reside no próprio emprego estudar?

Sem questionar os problemas das distâncias em São paulo, a violência, o meio de transporte que essa mulher disporia seria, naturalmente os transportes coletivos.

Como pensarmos então em mobilidade social? Como pensar em qualquer mobilidade? Esse problema não é novo, já foi denunciado por autores como Graciliano Ramos, Clarice Lispector e tantos outros. A história do retirante buscando uma vida melhor na cidade grande poderia ser a história de nosso ex- presidente e de tantos outros Ze Ramalho, Alceu Valença, Elba Ramalho.

Nunca sabemos o que podemos fazer, mas o certo é que, em geral, não fazemos nada. Conhecer essas histórias e não procurar um princípio de mudança, isso sim, é inaceitável, ou como na música de Belchior: “Veloso o sol não é tão bonito pra quem vem do Norte e vai viver na rua...”

Referências

HALL, S. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

METZ, C. **A significação do cinema**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

Núcleo de Acessibilidade: um suporte para todos

Daiane Bedin¹, Rafaela Chagas¹

A acessibilidade na educação remete a formas de tornar conteúdos de estudo acessíveis para estudantes com necessidades especiais, mas não somente isso, a própria acessibilidade em si apresenta várias camadas ou áreas de atuação que envolvem uma equipe interdisciplinar para auxiliar os alunos, não só com necessidades especiais, mas também qualquer outro estudante ou servidor que necessitar de algum tipo de apoio profissional pedagógico. A coordenadora do Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Santa Maria, Silvia Pavão, contou para a Revista O QI como funciona o núcleo, com base nos projetos de pesquisa, ensino e extensão e também as atividades e serviços prestados pela equipe interdisciplinar que o integra. Confira mais na entrevista!

O que é o Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Santa Maria? Desde quando ele existe?

O Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Santa Maria existe desde o ano de 2008, surgindo de uma proposta do Ministério da Educação, que tinha por objetivo fornecer recursos para a implantação de um programa de inclusão nas universidades.

Quais são os tipos de serviços e atividades que o núcleo oferece para alunos e servidores?

Temos o tripé que é: ensino, pesquisa e extensão. Contamos com alguns projetos próprios do setor na linha de inclusão e também formas de apoio pedagógico, lembrando que, mesmo um aluno tendo deficiência, não quer dizer que ele vá precisar de algum apoio, ou mesmo algum recurso, suporte ou tecnologia, já que, muitas vezes

¹Acadêmicas de Comunicação Social – Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria.

eles já têm seus materiais como lupa, software de leitura e, entre outros.

Além disso, temos projeto de estágio para alunos de psicologia e terapia ocupacional na área de ensino, não necessariamente sobre acompanhamento direto com o estudante, mas também em busca de outros dados relacionados a educação.

Os serviços e atividades não são ofertadas apenas para pessoas com deficiência, mas para todos nós que tivermos algum tipo de limitação, dificuldade de acesso ou adaptação. Mesmo que a principal motivação da implementação dos núcleos nas universidades é o serviço de apoio a deficientes. Nas extensões são trabalhados dois produtos, livros com pesquisas de participantes originários de dentro do espaço como também um espaço para discussões com pessoas ligadas ao núcleo que discutem a aprendizagem e a acessibilidade na educação superior. Além disso, oferecemos cursos e palestras relacionadas a aprendizagem. Os cursos são gratuitos e abertos para o público externo e é possível receber certificado de participação para o currículo.

Os serviços oferecidos, além das pesquisas como os cursos ofertados anteriormente citados, também há o conhecido acompanhamento direto com o apoio psicopedagógico em relação à o que afeta a pessoa durante a trajetória acadêmica. Além de um serviço psicológico, temos tradutores interpretes para estudantes surdos, aulas de reforço e orientação de física, química e matemática.

As pessoas veem o núcleo como apenas serviços, apoios, suportes e materiais e realmente temos empréstimos de materiais como lupas e entre outros, mas o núcleo não limita-se a isso.

Quem participa/trabalha no Núcleo?

O Núcleo é constituído por uma equipe interdisciplinar, contando com pedagogos, educadores especiais, psicólogos e estagiários de cursos como Terapia Ocupacional. Uma ênfase na equipe é o atendimento psicopedagógico, que realiza o atendimento psicológico que vem em apoio as questões que interferem na aprendizagem.

Como está a situação do Núcleo em relação ao apoio social da universidade? O Núcleo é ligado a qual órgão da universidade?

Eu vejo que houve uma visibilidade maior, pois recebemos uma demanda das coordenações de curso e os próprios estudantes também nos procuram. Isso mostra que existe a valorização do Núcleo, que atualmente está ligado ao Gabinete do Reitor.

Como coordenadora, o que ainda deva ser melhorado na acessibilidade na UFSM e em outras universidades?

Eu vejo que a acessibilidade é um processo em construção. Se você for analisar o que é acessibilidade, vai encontrar autores que dividem em dimensões, como a acessibilidade arquitetônica e urbanística, acessibilidade pedagógica, acessibilidade atitudinal, na comunicação e nos transportes; se você alcançar a plenitude em alguma dessas dimensões, pode ser que alguma necessidade possa ser aumentada e terá que começar tudo de novo. Existe um conceito de acessibilidade que se alinha com a questão do desenho universal, em que tudo é pensado para qualquer tipo de diferença. Nosso trabalho é pensar na questão da construção e do contínuo.



O Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Santa Maria está localizado no Prédio 67, sala 1116 – com horário de atendimento das 08h às 19h.

Contato:

Equipe Tradutores Intérpretes de Libras
(55) 3220 9622 (55) 91510327 (55) 91974769

Deficientes Auditivos/Fala podem enviar mensagem para os celulares:
(55) 91510327 e (55) 91974769

Email: nucleodeacessibilidade@ufsm.br



Imprensa Colorida: 53 Anos de História

Pablo Moreira de Mello^I, Carolina Bonoto Espindola^{II}

Resumo

O presente artigo trata-se de um recorte de um dos capítulos do projeto experimental de conclusão de curso, cujo objetivo é a elaboração de uma revista LGBT colaborativa. Ao pesquisar sobre o tema, constatou-se que um dos pilares para a construção de uma revista LGBT seria resgatar o que já foi produzido nesta imprensa. Desta maneira, o foco deste artigo será recuperar uma breve síntese da história da imprensa gay brasileira com ênfase, principalmente, no meio revista. O trabalho utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica sobre a temática, com base em textos de Flávia Péret, James Green, entre outros. A partir deste resgate, foi possível detectar inúmeros pontos, que de certa forma, afetam o progresso da imprensa gay brasileira.

Palavras Chave: Imprensa gay. Revistas. LGBT.

Abstract

This article it is a clipping of the chapters of experimental design course completion, aimed at the development of a collaborative LGBT magazine. When searching on the subject, it was found that one of the pillars for the construction of an LGBT magazine would redeem what has been produced on this press. Thus, the focus of this article will retrieve a brief summary of the history of Brazilian gay press with emphasis mainly in the middle magazine. The work uses as methodology the literature on the subject, based on texts by Flavia Péret, James Green among others. From this rescue it was possible to detect a number of points, which to some extent, affect the progress of the Brazilian gay press.

Keywords: Gay press. Magazines. LGBT.

^IAcadêmico de Comunicação Social – Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria

^{II} Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria

Introdução

Em 2016, a 'imprensa gay' brasileira completa 53 anos. Apesar de pouco conhecida, foi parte essencial na luta por igualdade de direitos, respeito à diversidade cultural e sexual, além da defesa de um grupo social e historicamente marginalizado. Atualmente, restaram poucos indícios de sua forma tradicional e um imenso quebra-cabeça a ser montado, estando concentrada no espaço virtual como portais, sites, blogs e rede sociais, os quais são utilizados como importantes ferramentas para discussão e visibilidade do grupo LGBT.

A história da 'imprensa gay' no Brasil¹, cujo foco foi/é o público homossexual masculino, principalmente por homens e mulheres possuírem acessos diferentes ao poder (político e simbólico), é contextualizada através de processos históricos, políticos e econômicos. Envolveu muitas fases dentro do jornalismo de gênero², passando de mero colunismo social, à defensora de causas mais sérias através da militância, terminando por entregar-se à pornografia e exaltar o consumo como "estilo de vida". Hoje, as poucas revistas LGBTs existentes costumam fazer uma mescla de todas estas abordagens.

Do fisiculturismo à militância

Antes mesmo do surgimento de uma 'imprensa gay' especializada no Brasil, durante as décadas de 1940 e 1950, devido à inexistência de materiais homoeróticos, os gays consumiam revistas voltadas ao fisiculturismo, as quais davam ênfase ao corpo, apresentando ensaio de atletas e fisiculturistas seminus. Como conta Green (2000), elas possuíam conteúdo homoerótico, disfarçados em forma de publicação esportiva e podem ser consideradas as primeiras para os gays brasileiros, mas de forma disfarçada, pois não eram direcionadas a este público. Em outras publicações também povoava o imaginário dos homossexuais masculinos, entre elas as que cultivavam o naturalismo como forma de vida.

O início dos anos 60 indica os primórdios da 'imprensa gay' no Brasil, onde surge um jornalismo feito por homossexuais e destinado a esse público através da mídia alternativa³, este confrontando o que a imprensa disseminava a respeito dos homossexuais da época, como explica Péret (2011):

¹ Termo utilizado em seus primórdios pelo fato desta ainda não abranger a pluralidade existente atualmente na sigla LGBT

² Categoria jornalística voltada para a produção noticiosa especializada em gênero

³ conjunto dos vínculos de comunicação que se contrapõem a uma hegemonia, ou posição política dominante

Até o início da década de 1960, [...] os periódicos nacionais (jornais, revistas e boletins) refletiam a ideologia sobre a homossexualidade de cada época e abordavam o tema, sobretudo por dois enfoques: satirizando figuras públicas, principalmente por meio de charges e ilustrações, ou divulgando fatos policiais envolvendo homossexuais e travestis. (PÉRET, 2011, p. 11)

É deste período o fanzine ***O snob*** (1963), considerado a primeira publicação abertamente feita e direcionada ao público homossexual, que circulou de forma restrita e discreta. Ele surge como resultado de reuniões e espaços de socialização de grupos de homossexuais. Sendo criado por Agildo Guimarães, tinha como conteúdo colunas de fofocas, concursos de contos, matérias sobre moda, cultura e beleza, eventos, entrevistas, entre outros. Produzido em folhetos artesanais, datilografados e mimeografados, eram distribuídos de mão em mão, geralmente de forma gratuita. Os periódicos desta época não traziam discussões de ideias, tratando-se mais de colunismo social. Com o tempo, ***O Snob*** transformou-se em uma minirrevista, apresentando capa, ilustrações coloridas e pequenos anúncios. A partir desta publicação, revelou-se um extenso vocabulário de gírias utilizadas pelos gays. Ao todo, foram produzidas 99 edições.

Sobre a importância do fanzine destaca-se, sobretudo, a visibilidade dos homossexuais que:

[...] ocuparam espaços mais visíveis e ganharam uma representação social mais efetiva. O jornal contribuiu para a articulação de ideias e assuntos comuns entre os homossexuais, retratou as controvérsias sobre noções de gênero e expôs visões sobre a política dos anos 1960, além de ter inspirado a criação de outras 30 publicações similares em todo o país. (GALLAS; OLIVEIRA, 2012, p. 9)

Em 1978, no contexto da ditadura militar, foi lançado o primeiro exemplar do jornal *O Lampião da Esquina* (37 edições) voltado para o público gay. Fundado e editorado por João Silvério, Aguinaldo Silva, Darcy Penteado, entre outros, seu nascimento coincidiu com a explosão da pornografia no país.

O Lampião, como ficou conhecido, não abordava somente temática de caráter gay, mas também assuntos polêmicos ligados a grupos minoritários, como o feminismo, questão racial e ecologia. Entre as principais pautas que o jornal abordou, estavam a violência contra homossexuais e mulheres, racismo, masturbação, maconha, sadomasoquismo, igreja, travestismo, etc. Seu conteúdo era composto por reportagens, entrevistas, ensaios, críticas e notícias sobre cultura, seção de cartas e colunas de opinião e humor. Durante sua existência, o jornal mesclou assuntos militantes dando enfoque político à homossexualidade. Era vendido em bancas de jornal de várias cidades do país, embora houvesse certo preconceito de jornalheiros em vendê-lo. Péret (2011) versa sobre a importância deste jornal para sociedade em geral e a comunidade gay:

[...] o *Lampião* mobilizou a opinião pública para a discussão de temas antes invisíveis na grande mídia. Ao colocar em pauta a homossexualidade, reivindicando, com base na pluralidade de visões e opiniões, um olhar mais atencioso e crítico para a questão, o jornal ampliou o debate a cerca dos direitos gays no país e se firmou como importante marco da imprensa alternativa no período da ditadura militar (PÉRET, 2011, p.60).

Durante a década de 80, a “imprensa gay” sofreu queda em suas publicações. Nesse período, destacaram-se os boletins educativos sobre HIV/AIDS, a abertura da mídia para a discussão de sexualidade e o surgimento de uma imprensa segmentada para lésbicas.

Também ganha destaque a emergência da imprensa feminista (segunda metade dos anos 70), que contribui para o surgimento das primeiras publicações destinadas ao público lésbico do Brasil.

Entre as publicações lésbicas está o fanzine *Chana com Chana* (1981), jornal produzido em formato de fanzine, feito de forma artesanal e distribuído a pequenos grupos, mantido pelo grupo de Ação Lésbico-Feminista (Galf). Outras publicações foram realizadas, porém são pouco conhecidas, como a revista *Sobre Elas* (2006), o boletim e depois revista *Um outro olhar* (1988-2002), com foco em artigos sobre comportamento e dicas de lazer, *Xereca*, *Boletim Ponto G*, *Lesbetária*, *D'Ellas*, *Entre Ellas*, entre outras.

Da mídia alternativa ao mercado hegemônico

Sob a conjuntura da redemocratização, abertura política pós-ditadura, industrialização e urbanização, a imprensa gay dos anos 90 renasce com novos projetos, temáticas e linhas editoriais diferenciadas, tanto em conteúdo como em design gráfico, que começam a ser mais planejados e em conformidade com seu público alvo. Surge um mercado de consumo destinado exclusivamente aos LGBTs, denominado Pink Market, que passam a fazer parte da cultura, no que diz respeito ao consumo de bens e serviços, bem como os modos comportamentais. A sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) dará nome a este segmento de mercado e o *pink money* (dinheiro rosa), que descreve o poder de compra da comunidade gay, torna-se valioso e disputado.

Como relata Nonato (2013):

Nesse período o público LGBT passa a ser visto como um grupo consumidor em potencial na visão das empresas. São criados vários produtos para esse público como cruzeiros, hotéis, saunas, produtos culturais como livros, filmes, a pornografia é investida com muita força, a moda é associada ao grupo. Todo um aparato para fisgar os consumidores gays, criando até o “estilo de vida gay”. (NONATO, 2013, P.8)

Neste contexto, surge *SuiGeneris* (1995), produzida pelo grupo SG-Press e considerada a primeira revista gay de caráter jornalístico sem apelo erótico.

A revista apresentava seções de literatura, cinema, moda e comportamento e se destacava principalmente por seu design gráfico moderno. Como diferencial de outras publicações da época, buscava atrair leitores heterossexuais ao colocar ícones pop em suas capas ou produzir matérias sobre Renato Russo, Cássia Eller, Renato Gaúcho, Vitor Belfort, entre outras personalidades. Em 2000, a revista encerrou suas atividades por problemas financeiros. Sobre a *SuiGeneris*, Péret (2011, p. 85) diz que o meio-termo entre dialogar o lado mundano da cultura gay (festas, moda e boates) e os movimentos sociais e questões colocadas pela militância, foram os grandes responsáveis pelo sucesso e boa recepção junto aos leitores da revista.

Durando 16 anos (1997-2013) no mercado editorial gay, surge em 1997 *G magazine*, revista gay com maior tempo de circulação no Brasil, nomeada inicialmente de *Bananaloca*, e, após as primeiras cinco edições trocou seu nome. Era publicada pela *Fractal Edições*. Segundo Péret (2011), *G magazine*:

Inovou no campo da imprensa erótica do país, ao apresentar nus homens famosos, como atores, modelos e jogadores de futebol, além de conseguir reunir assuntos que pareciam antagônicos; nudez masculina, informação geral e militância política. (PÉRET, 2011, p.88)

Algum tempo depois sem nenhuma publicação gay, voltam a ganhar destaque as revistas que utilizavam como fórmula editorial o homoerotismo light⁴ e matérias sobre comportamento e cultura. Entre elas estão revistas como *Junior* (2007), editada pelo Grupo Mix Brasil, *Dom – De outro modo* (2007), da editora Peixes, e *Aimé – Primus Inter Pares* (2008), publicada pelo grupo editorial Lopso de Comunicação.

Júnior e *Dom* possuíam linhas editoriais muito próximas, e suas temáticas eram artes, moda, comportamento, viagens, estética, consumo, saúde, etc. As capas de *Dom* estampavam celebridades ou modelos não pertencentes ao mundo gay, trazendo uma proposta *hetero friendly*⁵. Já *Aimé*, possuía uma proposta marcada pela homoafetividade (matérias sobre sexo, relacionamentos e sobre consumo).

⁴ Termo utilizado em seus primórdios pelo fato desta ainda não abranger a pluralidade existente atualmente na sigla LGBT.

⁵ refere-se a linha editorial aberta e inclusiva a heterossexuais.

³ conjunto dos vínculos de comunicação que se contrapõem a uma hegemonia, ou posição política dominante

Péret (2011, p.47) destaca outro tipo de revista destinada ao público gay “as publicações em formato *pocket*, minirrevistas distribuídas gratuitamente em bares, saunas e boates gays”, estas geralmente sobrevivem por meio da publicidade,



são comuns em outros países e possuem circulação regional ou estadual. Entre elas, Santos (2010) destaca duas: *A capa* (2007) e *Lado A* (1999), ambas nascidas através de sites homônimos. *A capa* trazia matérias sobre famosos, sexo, comportamento e ensaios fotográficos e hoje é um dos inúmeros portais de notícias

LGBT na web. Já *Lado A*, ainda em atividade, oferece conteúdo de moda, música, entrevistas, entretenimento e saúde. Ambas fazem parte do mercado “alternativo” de revistas gays, este ainda pouco explorado e conhecido.

Em 2012 surge *H magazine*, dirigida a um público gay mais velho, acima dos 30 anos. A revista mostrava em seus ensaios tipos masculinos “comuns”, fugindo um pouco do padrão de outras revistas, utilizando modelos não profissionais. No mesmo ano, nasce a revista *Simples Assim* trazendo a promessa de focar em toda a sigla LGBT e não apenas os gays.

No período de 2013 a 2015 não se constatou o surgimento de revistas na ‘imprensa gay’ de grande repercussão. No final de 2015, a revista *Junior*, troca de nome agora passando a se chamar *Mais Jr*, atualmente é a única que se encontra no mercado hegemônico de revistas LGBTs do Brasil, sendo produzida pelo grupo de comunicação Liberado Junior e disponível em multiplataformas, trazendo notícias, entretenimento, estilo de vida, viagem, celebridades e seleção de editoriais fotográficos.

Considerações

Ao elaborar esta síntese da história da ‘imprensa gay’, podemos perceber que através das mídias revistas/jornais, os grupos LGBTs conseguiram, mesmo que parcialmente, maior visibilidade e o direito de se autorrepresentar. Como afirma Barbalho (2002), é a mídia que:

[...] detém o maior poder de dar a voz, de fazer existir socialmente os discursos. [...] A cidadania, para as minorias, começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim ela pode dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria. (BARBALHO, 2002, p.9)

Entretanto, há muitos limites ainda para o modo como a cultura e as identidades LGBTs são representadas nas mídias em geral, especialmente no mercado

de revistas. Através do resgate de parte da história da ‘imprensa gay’ no Brasil foi possível detectar alguns destes limites, como: estar presa a certos padrões e hierarquização de atributos (raça, gênero, classe), o apelo ao sexo e ao corpo, ao discurso heteronormativo, além da falta de representatividade dos outros segmentos da sigla LGBT como lésbicas, bissexuais, transgêneros, entre outros.

Logo, torna-se necessário repensar a ‘imprensa gay’ e suas linhas editoriais de modo a englobar toda a diversidade de identidades LGBTs e trazer novas ideias para esta imprensa. Esta é a contribuição que propomos em nosso projeto experimental, em desenvolvimento, que busca pensar em um formato colaborativo e mais inclusivo para a criação de uma revista voltada ao publicado LGBT no contexto de Santa Maria.

Referências

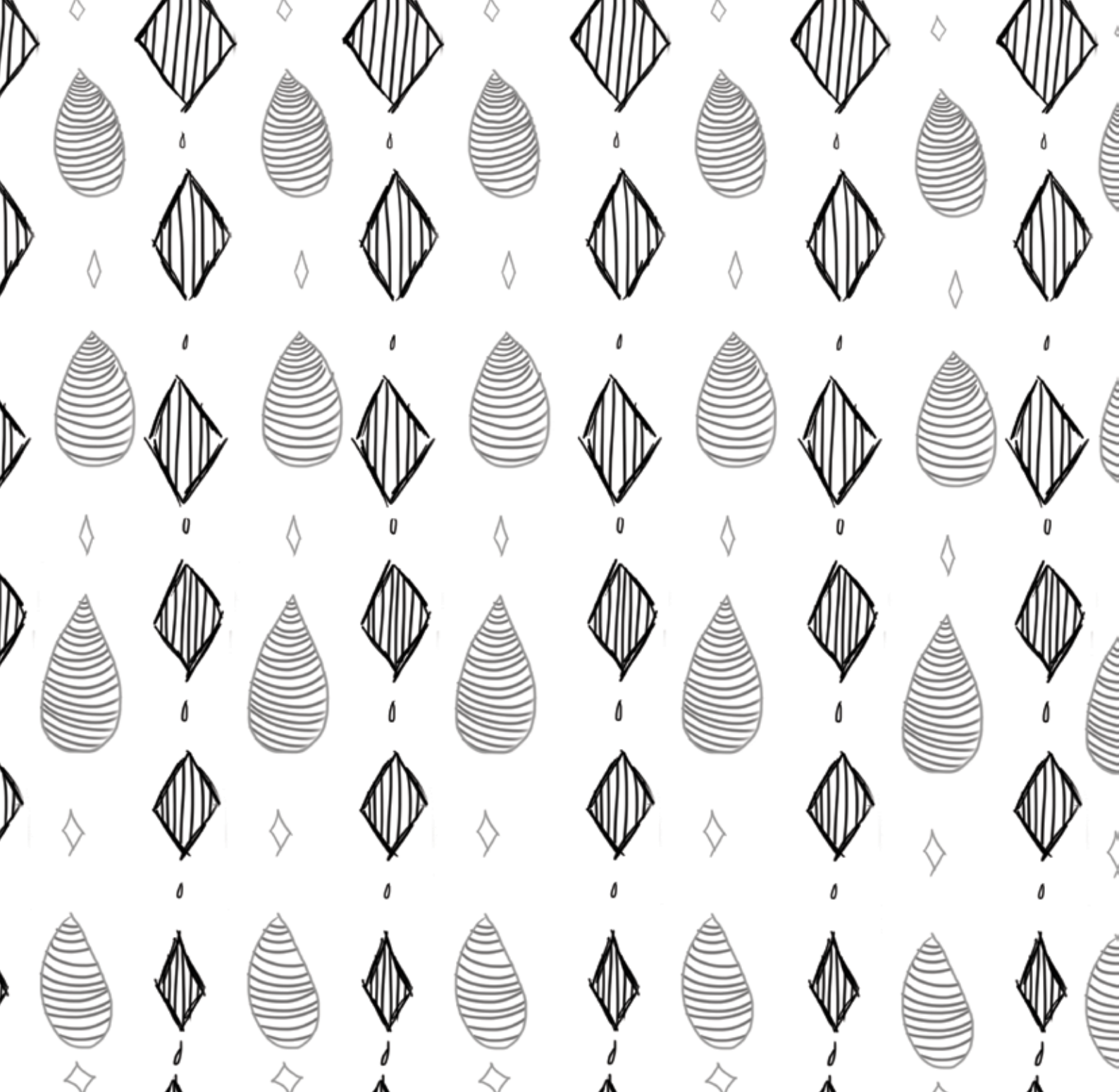
BARBALHO, Alexandre; CONTEMPORÂNEAS, Cultura. **Cidadania, Minoria e Mídia**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Salvador. 2002.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. **Cartilha**: “Imprensa Colorida – Produção de jornalismo de gênero para o público LGBT”. 2010. Disponível em: <<https://issuu.com/jofagner/docs/imprensacolorida>>. Acesso em 23/04/2016.

GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

NONATO, Murillo Nascimento. **A imprensa gay no Brasil**: um reforço do comportamento heteronormativo e produção de corpos abjetos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, 2013, Natal. Disponível em: <goo.gl/DLZLLV>. Acesso em: 14 mar. 2016.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**: entre a militância e o consumo. Publifolha, 2011.



Diversidade na ponta do lápis

A arte como forma de empoderamento e representação de minorias

Carolina Motter Pizoni¹ Jamille Marin Coletto¹
Patrick Hundertmarck¹ Sara Tessele Gonzalez¹



Você conhece ilustrações que te inspiram e que te cativam? Vamos mostrar alguns maravilhosos ilustradores brasileiros que vão fazer você refletir sobre a vida, o universo e tudo mais.

Se você está se perguntando “*mas o que isso tem a ver com o resto da revista?*”, calma, vamos explicar. Esses ilustradores trabalham com a representatividade e empoderamento das minorias, dando voz para aqueles que, na maioria das vezes, não têm representatividade na mídia convencional. E o mais legal é que eles quebram estereótipos da forma mais linda possível, com arte.



A primeira ilustradora é Denise Silva, que atualmente cursa Desenho Industrial na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e faz sucesso com sua página no Facebook “Denisenhando”.

Denise conta que desde pequena gosta de desenhar, e em virtude dessa paixão, o desenho industrial foi sua primeira opção na hora de escolher um curso superior. Depois de entrar no curso e adquirir sua primeira mesa de desenho digital, imagens relacionadas a questões de empoderamento e feminismo negro surgiam naturalmente em sua cabeça. Na faculdade ela entrou no grupo “Faça Amor Não Faça Chapinha” que lhe abriu as portas para discutir sobre temas relacionados a negritude e feminismo e ao mesmo tempo compartilhar seus desenhos que agora são curtidos e compartilhados por milhares de pessoas.

¹Acadêmicos de
Comunicação Social –
Produção Editorial na
Universidade Federal
de Santa Maria

Com os seus “desenhos e reflexões” – como consta na descrição de sua página – Denise busca ajudar pessoas a lutar contra preconceitos, se empoderar e dar voz e visão para essas minorias.

Quanto à representatividade na mídia, Denise lembra apenas da série “Um Maluco no Pedaço” (1990), sobre a forma como o Will (personagem do ator Will Smith) tinha orgulho das suas raízes periféricas e também a presença empoderada, engraçada e elegante da tia Vivian (Janet Huber-Whitten e Daphne Reidt). A artista ainda aponta; ***“queria que na minha infância e adolescência tivesse mais essa representatividade que vem se fundindo hoje, isso faz toda a diferença na autoestima”***.

Denise destaca que a questão da representatividade está crescendo vagarosamente, mas que algumas “representações” ainda são muito estereotipadas. Para ela a representatividade é mais do que apenas ter um personagem oprimido em destaque, é preciso trabalhar o conceito que esse personagem vai de fato ter, como ele vai ser retratado e apresentado; ***“representação estereotipada não gera representatividade, gera apenas revolta”*** finaliza a ilustradora.



O publicitário Yorhán Araújo se interessou pela arte desde cedo, por influência de seu pai. Com suas ilustrações procura transmitir uma crítica social, é o criador da série de desenhos “Universos”, que destaca os cabelos afro como forma de mostrar que cada pessoa possui em si um universo, além de ser conhecido por sua coleção de tirinhas “Devaneios com Sigmund e Freud”.

Ao ser questionado sobre sentir-se representado pelos desenhos e programas televisivos que assistia em sua infância, o ilustrador recorda de dois programas da TV Cultura, “Castelo Rá Tim Bum” (1995) e “Cocoricó” (1996); também cita alguns programas norte-americanos como “Eu, a Patroa e as Crianças” (2001), “Um Maluco no Pedaço” (1990) e as animações “Liga da Justiça” (2001) e “Super Choque” (2000).

O artista conta que notava uma ausência de produções brasileiras com personagens negros protagonistas, uma vez que estes só eram retratados no contexto norte-americano. Hoje, por outro lado, Yorhán acredita que a mídia popular está mais pre-ocupada em atingir uma maior parcela da população que antes não era tão representada. Como exemplo, o ilustrador lembra que na sua época de escola só via meninas negras com cabelos alisados e homens com cabelos raspados, mas ressalta que não acha isso uma coisa negativa, desde que não seja imposta por alguém.

Para ele, essa preocupação em representar parcelas antes ignoradas, faz com que os jovens tenham maior liberdade para expressar sua personalidade sem tantos julgamentos; *“hoje em dia quando se anda pelas ruas, pode-se ver crianças com cabelo crespo sem serem zoadas, pessoas com cabelo colorido, assumindo os*



cabelos como são e, hoje em dia, os jovens tem mais consciência do seu lugar”.

Por último, mas não menos importante, conversamos com Carol Rossetti, designer gráfica e ilustradora. Carol sempre amou desenhar e com o incentivo constante de seus pais transformou essa atividade em uma profissão. Ela destaca como alguns dos principais objetivos do seu trabalho, o poder de se expressar e o de possivelmente inspirar pessoas da mesma forma que foi influenciada por muitos.

Quando questionada sobre como se sentia quanto à representatividade

Carol afirma que se identificava com diversos aspectos de personagens diferentes, pois acredita que todos somos plurais. Entretanto, notava uma carência de personagens com o seu tom de pele, havia poucos negros, muitos brancos, mas nunca via um “meio do caminho” e por isso por muito tempo teve dificuldade em se achar bonita e se aceitar. Para a ilustradora crescer vendo seus heróis sendo diversos é muito importante, ela acredita que “o mais cruel não é a pessoa não se ver, mas ver apenas um outro tipo de pessoa como referência de beleza, sucesso e heroísmo. Essa exclusão é muito cruel”.

Pela falta de representatividade e pelas restrições cotidianas que ela sentia por ser do gênero feminino em nossa sociedade, a ilustradora começou seu projeto “Mulheres”, uma coletânea de ilustrações protagonizada por mulheres em diversas questões cotidianas, mas

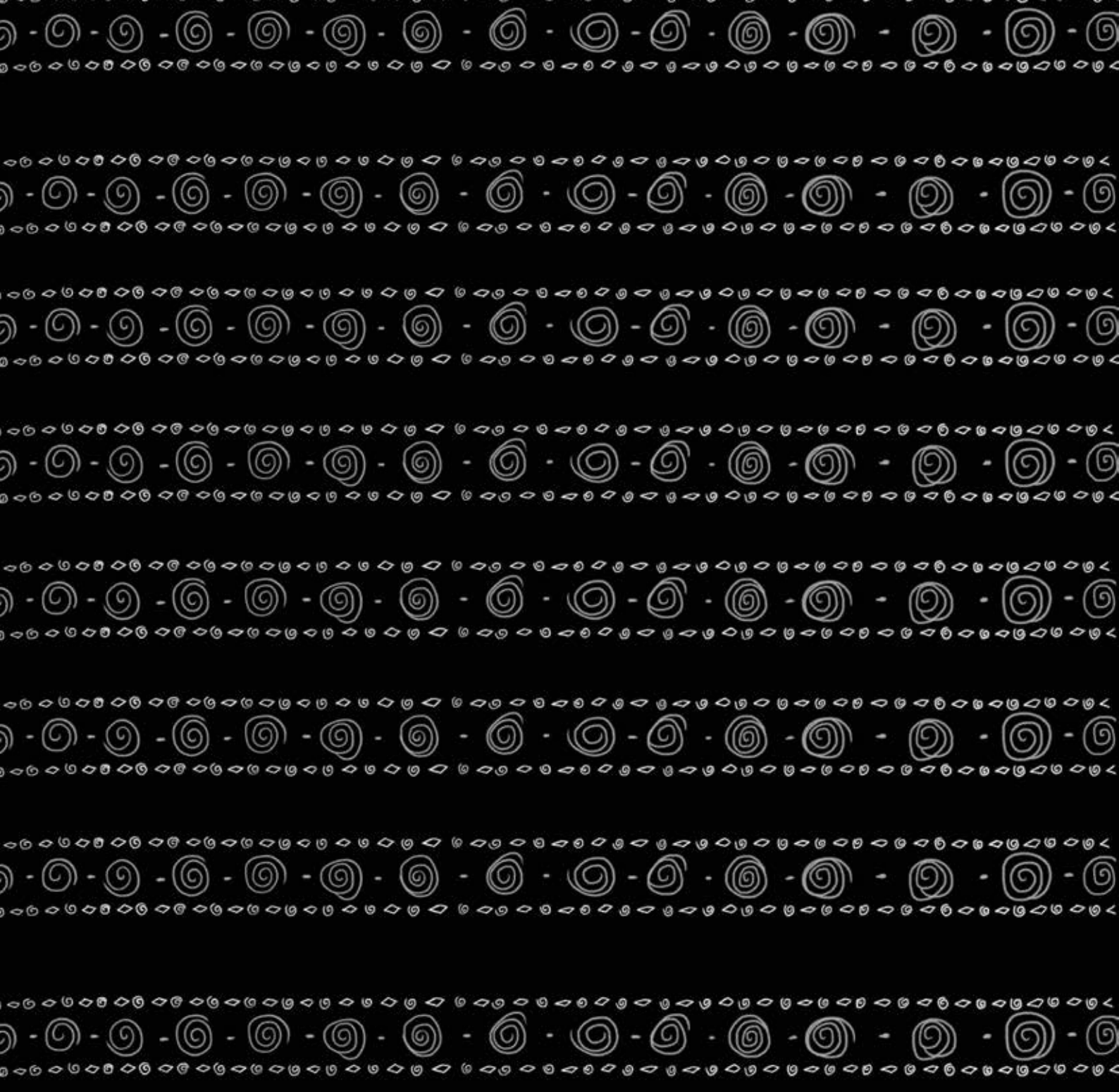


que não se restringe a situações estereotipadas. A ilustradora afirma que apesar do nome, o projeto não é exclusivo para elas, mas apenas um meio de protagonizá-las dentro de uma sociedade que ainda põe o masculino como melhor que o feminino.

Com esse projeto ela tem o objetivo de lutar pela igualdade e o respeito para as mulheres, que ainda sofrem com a opressão velada na sociedade como se fosse algo natural; “Esse controle é tão parte da nossa cultura que nem sempre nos damos conta de como ele é cruel e do quanto restringe nossas escolhas pessoas” afirma Carol.

Talento, habilidade e empoderamento são algumas características que reúnem estes fantásticos artistas. A revista O QI espera ter cutucado a sua curiosidade. Não deixe de conferir mais dos trabalhos desse pessoal em suas páginas, sites e redes sociais.





Coletivo Voe: Empoderamento LGBT em Santa Maria

Pablo Mello¹

O Voe é um coletivo de diversidade sexual, que atua na defesa e promoção dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) na região de Santa Maria, RS. Atuando há quase cinco anos na cidade, surgiu no final de 2011, a partir de um congresso estudantil da UFSM. A Revista O QI entrevistou Carolina Bonoto, jornalista e uma das representantes do Coletivo Voe para apresentar o trabalho que ele realiza, além de ter acompanhado algumas das atividades do Coletivo neste ano. Confira!

Quais os propósitos e metas do Coletivo Voe?

Pautar questões relevantes ao movimento LGBT contribuindo para a construção de uma consciência coletiva de respeito à diversidade sexual e de gênero.

O propósito maior do coletivo é lutar pelos direitos da população LGBT, especialmente de Santa Maria.

Defendemos a criminalização da homofobia e da transfobia; políticas públicas de saúde e segurança pública que levem em conta as especificidades das pessoas LGBT; o direito ao casamento civil igualitário; o respeito à livre expressão da orientação sexual e da identidade de gênero; e a visibilidade de pessoas LGBT a sociedade.

Quais as conquistas do Movimento LGBT até agora? E quais ainda não foram atendidas?

Na esfera jurídica alcançamos, com muita disputa, alguns direitos civis básicos como o direito a união estável e, posteriormente, o casamento civil, o que também garantiu alguns benefícios previdenciários. Avançamos no direito à adoção e reconhecimento legal para constituição de família, ainda que com ameaças de bancadas

¹Acadêmico de Comunicação Social – Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria

conservadoras (do Congresso Nacional) e suas tentativas de proteção da chamada “família tradicional”. O decreto que determina a possibilidade de uso, ainda que restrito, do Nome Social em instituições de ensino e ao sistema público de saúde foi de grande importância para as pessoas trans. Além destas, ainda tivemos o arquivamento do projeto conhecido como “cura gay”. Por outro lado, a luta de quase 10 anos pela aprovação do Projeto de Lei que criminalizaria violências baseadas na sexualidade foi encerrada sem vitória com o arquivamento do PL.

Quais eventos serão realizados em 2016 pelo Coletivo?

Nosso calendário para o ano não está fechado. Já realizamos uma Aula Pública sobre a crise política atual e as demandas da população LGBT e uma festa, a Rainbow, em comemoração ao Dia Mundial de Combate à LGBTfobia, celebrado em 17 de maio. Seguindo o calendário internacional do Movimento LGBT temos programada uma semana de atividades alusivas ao dia 28 de junho, Dia do Orgulho LGBT, que ainda está aberta. Por enquanto temos programado: a participação da Tribuna Livre da Câmara de Vereadores de Santa Maria, para discutir, principalmente, o descaso do Poder Público com lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na cidade; e um cine-debate aberto a todas e todos para debatermos o Orgulho LGBT. Outras atividades ainda estão sendo pensadas/organizadas e logo serão divulgadas.

Você pode citar alguns eventos já realizados pelo coletivo voe?

Ao longo destes anos, realizamos inúmeras reuniões de formação sobre temas diversos (saúde, transexualidade, homofobia, velhice, etc.); cine-debates com obras de ficção e documentários, tratando de temas como história do movimento LGBT, transexualidade, política,

juventude e sexualidade, etc.; aulas públicas sobre diversos assuntos relevantes à população LGBT, como: direitos civis, representação na mídia, violência LGBTfóbica, identidade sexual e de gênero, visibilidade lésbica e bissexual, inserção e permanência de pessoas trans na educação, corpo e sexualidade, entre outros tantos; Universidade Fora do Armário (UFA), evento acadêmico e cultural; Oficinas sobre características estéticas e culturais importantes para a comunidade LGBT (maquiagem, expressão corporal, sexualidade feminina, dança). Construímos, por alguns anos, a Tarde da Diversidade, evento político e artístico que tinha como proposta ocupar o espaço público da cidade e ser um lugar de sociabilidade para todas e todos. Fizemos também uma Marcha contra a LGBTfobia, em 2015. E neste mesmo ano realizamos nossa Primeira Parada LGBT Alternativa de Santa Maria, totalmente independente do Poder Público da cidade.



Atualmente, quantos membros são responsáveis pelas atividades do coletivo?

Estamos entre 13 integrantes.

Para quem quiser ingressar no coletivo, como proceder?

Basta procurar uma aproximação com o coletivo, como participar dos eventos que realizamos, por exemplo, e a partir disso entrar em contato com algum (a) integrante demonstrando interesse em participar da construção do Coletivo.

Há alguma atividade, projeto ou evento para o público LGBT mais jovem com idade entre 14 e 18 anos?

Ano passado realizamos uma semana de atividades em escolas públicas de Santa Maria debatendo gênero e sexualidade com turmas de oitava série ao terceiro ano. A inserção nas escolas é uma das ações que mais gostamos de organizar.



Qual a necessidade de se falar de sexualidade e gênero nas escolas e universidades?

Discutir esses temas em sala de aula é essencial para formação de uma sociedade mais igualitária e que respeite a diversidade. Carregamos diversos preconceitos frutos de uma educação hétero-cisnormativa que precisam de constante desconstrução. Aprendemos desde cedo algumas concepções sobre o que é “normal” ou “correto” quanto à orientação sexual ou identidade de gênero, e isto acaba servindo de gatilho para comportamentos LGBTfóbicos, sexistas e racistas. Discutir estes temas é fundamental para a constituição de novos conceitos de “normalidade” permitindo que indivíduos vivam suas sexualidades em plenitude.

Qual a importância do “assumir-se” para o coletivo?

Assumir uma identidade de gênero ou sexualidade dissidente é sempre um ato político. Toda vez que nos posicionamos estamos marcando, de certa forma, uma resistência ao sistema normativo de sexualidades e identidades de gênero. Porém precisamos ter sempre consciência que este processo não é o mesmo para todas e todos. Cada pessoa tem seu caminho interseccionado por diferentes fatores como classe, raça/etnia, gênero, suporte familiar, etc. que podem facilitar ou dificultar o movimento de “sair do armário”.

Em relação ao público, acreditam que poderia haver mais mobilização dos “LGBTs” em Santa Maria? Qual a estimativa do público em cada evento?

Com certeza, sempre há espaço para aumentar a mobilização. Procuramos diversificar entre formações mais políticas e teóricas com oficinas e intervenções mais culturais, de modo a atrair diversos públicos por meio de abordagens diferentes. Nossas reuniões abertas de formação, por exemplo, que são os eventos que realizamos

com mais frequência têm média de 20-30 participantes. Obviamente, precisamos reconhecer nossas limitações estruturais que não nos permitem alcançar um público mais amplo. Por outro lado, já conseguimos concentrar mais de 200 pessoas na Marcha de 2015 e cerca de 1.000 durante a nossa primeira Parada Alternativa.

Já houve algum tipo de preconceito ao se realizar algum evento?

Algumas resistências, eu diria, são comuns nos eventos em locais públicos. Mas nunca algo mais escancarado ou até violento.

Por que ainda é difícil a inclusão de pessoas Trans ao coletivo?

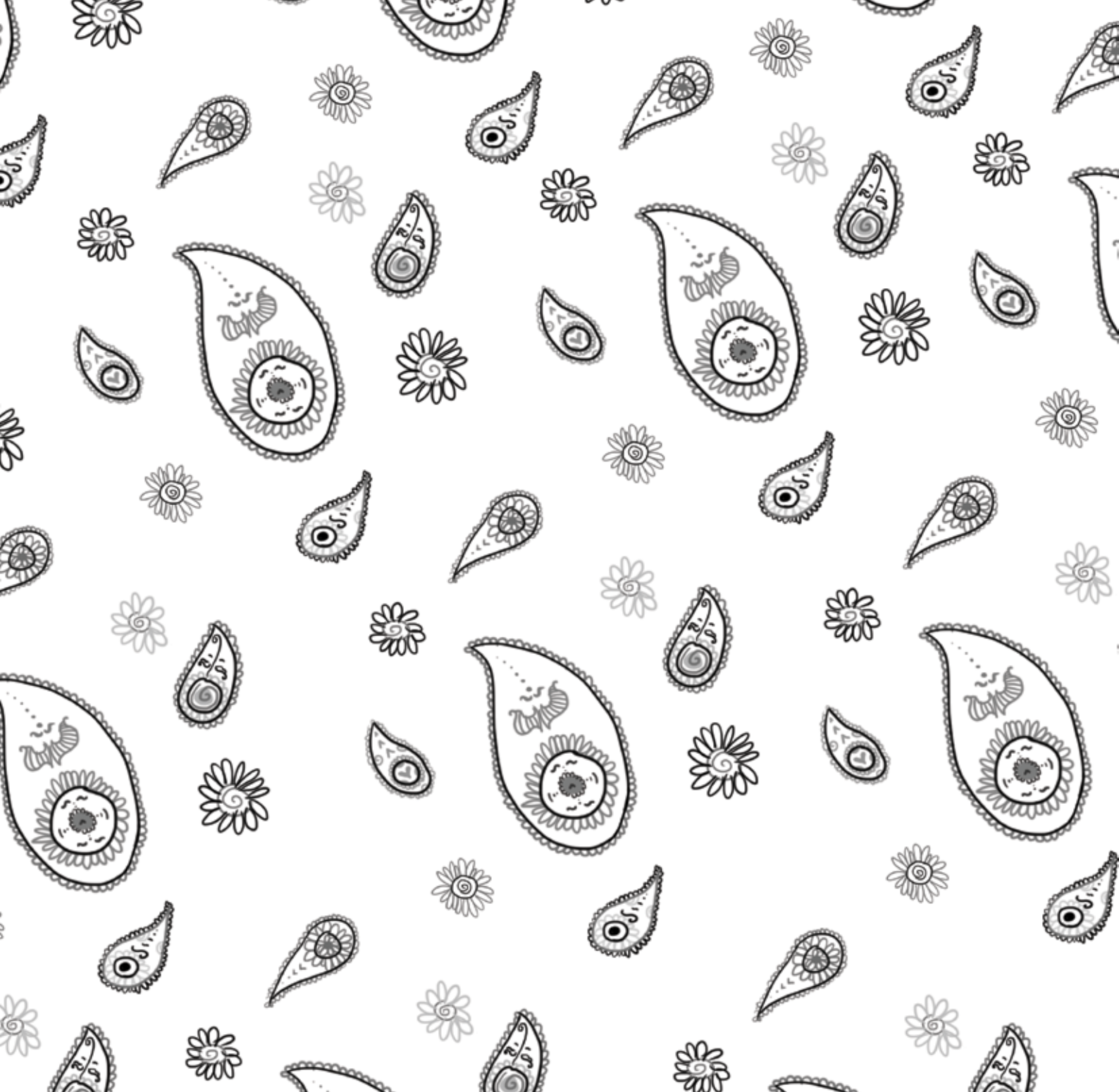
Infelizmente, o Voe ainda tem atuação majoritária no centro da cidade. Essa limitação acaba configurando também um impedimento para a aproximação de muitas pessoas ao Coletivo. Estamos sempre pautando a importância de termos representatividade de todas as identidades que compõem a sigla LGBT no Voe.



Para encerrar, sobre o cenário político atual o que acha que pode interferir nos direitos LGBTs?

Vivemos um período de instabilidade política. É difícil prever o que pode acontecer. O certo é que, historicamente, alguns partidos têm demonstrado pouca ou nenhuma preocupação com as demandas de LGBTs no Brasil. O avanço de bancadas conservadoras, principalmente aquelas ligadas à religiosos fundamentalistas, também representa grande risco para a população LGBT. Enfrentaremos não só uma forte inercia quanto ao avanço de nossos direitos civis e sociais, mas ainda um iminente retrocesso dos poucos já conquistados nos últimos anos.





Tribo da Lua Vermelha, um olhar interno



Emiliano Kelm Duet Chagas¹

A Tribo da Lua Vermelha, localizada em Silveira Martins, traz em si questionamentos sobre o atual sentido da vida social nas grandes cidades. Lá o consumo e a produção cooperativa são formas de diferenciação dos meios convencionais. Permacultura, bioconstrução e culinária vegetariana são algumas das práticas que fazem parte da rotina diária da Tribo, e são ensinadas, de tempos em tempos, para os interessados, nas oficinas por eles oferecidas. Por um relato de experiência, realizado pelo Emiliano Chagas, vamos apresentar para você um pouco mais sobre esse tipo de diversidade que se manifesta na forma de um estilo de vida tão plural.

O termo ecovila foi cunhado para designar uma entidade relativamente autônoma, que em determinada área preencha as principais funções sociais como moradia, sustento, produção, vida social e lazer de forma sustentável. As moradias em uma ecovila nunca estão posicionadas na natureza de modo a ocupá-la, mas estão integradas em meio a ela da forma mais orgânica possível.

A oficina de bioconstrução, realizada no último final de semana de maio de 2016, contou com a participação de um dos integrantes da equipe da reportagem que, em um breve relato, transmite um pouco de sua experiência adquirida ao longo de três dias na companhia da Tribo.

Bioconstrução é o termo utilizado para se referir a construções onde a ocupação ecológica está presente desde sua concepção até sua ocupação. Já na concepção, as bioconstruções valem-se de materiais que não agredam o ambiente de entorno, pelo contrário: se possível, reciclam materiais locais, aproveitando resíduos e minimizando o uso de matéria-prima do ambiente. Todo projeto foca no máximo aproveitamento dos recursos disponíveis com o mínimo de impacto.

¹Acadêmico de Comunicação Social – Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria



“Eram 7:20 da manhã de sábado quando coloquei meus pés em Silveira Martins. A neblina estava tão espessa que a única impressão que tive da cidade foi um longo estranhamento. Sabia estar numa das áreas mais altas de uma região repleta de morros tão altos que me era revoltante não poder chamá-los de montanhas. É certo que em lugares assim a névoa matinal é parte da rotina diária, só não imaginava que não poderia enxergar mais do que 5 metros em qualquer direção, principalmente quando o único mapa que eu tinha indicando a localização da Tribo era uma foto pixelada.

Minutos antes me encontrava no conforto da temperatura amena proporcionada pelo ônibus, e lembro bem que um de meus pensamentos ao percorrer a estrada que adentrava os morros era o de que me via cercado por “brócolis gigantes”, tal era a intensidade do verde que os recobria. Mal sinal não pode ser, pensei.

Quando o ônibus arrancou, me vi na companhia de mim mesmo em meio ao frio, a névoa e o silêncio. Minha mochila pesava sobre os ombros e sabia que uma caminhada me aguardava. A Tribo se localizava fora da cidade, e no mapa apenas uma linha tortuosa indicava como chegar até o ponto vermelho em meio ao verde. Noção de distância eu não tinha nenhuma. Segui a rota e logo me vi em uma estrada de chão não menos inóspita do que o resto da cidade que agora ficava para trás. Foi uma hora inteira de incerteza, era realmente difícil de enxergar em qualquer direção, e pingos volta e meia se precipitavam sobre aquela manhã de sábado que poderia estar sendo tão bem aproveitada sob as cobertas.

Finalmente a incerteza se substitui por alívio quando me deparei com uma placa indicando a entrada do lugar. Atravessando a velha porteira iniciei uma longa descida até a antiga casa de madeira que serve de sede para a Tribo enquanto um

cachorro anunciava minha chegada. Logo me vi sentado em uma cozinha aquecida por um fogão à lenha, cercado por móveis rústicos ao redor de uma mesa farta de alimentos veganos para o café da manhã. Antes de nos sentarmos, todos os presentes deram as mãos formando um círculo. Foram ditas palavras de agradecimento pelos alimentos e pela sua energia para o dia de trabalho que viria. Não palavras dirigidas a uma entidade específica, ou mesmo com um tom religioso. Eram palavras ditas para a natureza à qual os membros pertencem e diariamente se conectam. Observei que a prática se repetia a cada refeição, e ao invés de enunciarem palavras decoradas, tal como no ritual cristão, cada vez era um membro diferente que se manifestava escolhendo as palavras, as vezes canções.

Conversando com os membros naquela manhã, logo descobri que eu era o único que estava ali especificamente para o curso, os outros integrantes já estavam na Tribo a mais tempo, uns por algumas semanas, outros por alguns meses. Vários de passagem, alguns poucos eram moradores efetivos, alguns dos quais eu já tivera contato em feiras orgânicas na cidade. Um dos companheiros de curso, por exemplo, era um catarinense de sotaque carregado com quem pude prosear



sob uma mata de bambus nos arredores da casa. Ele viajava já há 3 meses de bicicleta, indo de ecovila em ecovila por toda região sul do país. Formado em administração, buscava o contato com a natureza que sempre quisera ter.

Depois de alimentados, partimos para as tarefas do dia que incluíam o aprendizado teórico das técnicas de bioconstrução desenvolvidas no Brasil e no mundo e suas diferenças com relação a construção convencional e os prejuízos desta para o meio ambiente. Logo percebi que a bioconstrução é de fato uma técnica milenar, e se esta deixou de ser empregada é porque ela não se alinha com os interesses da indústria da alvenaria do nosso sistema. Vi que a bioconstrução retoma o conhecimento que muitos de nossos avós possuíam e aplicavam antes de construir uma casa. São observados aspectos como a posição solar e a direção do vento de acordo com as diferentes estações, sendo este o norte para a abertura de uma determinada janela, sacada, etc. Infelizmente todas essas noções que tornavam a casa uma com o ambiente ao redor foram substituídas pela única regra que norteia a construção nas cidades: a rua que passa em frente. Não é à toa que vivi tantos anos em apartamentos mal iluminados, uns gélidos no inverno e outros escaldantes no verão, pensei!

A partir dessa primeira apresentação, feita pelo professor Diego França, fomos decidindo em conjunto quais técnicas empregaríamos para erguer uma parede próximo a lavanderia da casa. O critério para a escolha foram os materiais de que dispúnhamos. Como havia toras de mandeira e bambu em abundância, optamos pelas técnicas denominadas Cordwood e parede francesa, que consistem em preencher a parede com estes materiais em vias de economizar o Cob, nossa matéria base para a construção que demanda muita energia coletiva no preparo.

Cob é um material de construção composto por terra, areia e palha. O Cob é a prova de fogo, resistente a atividade sísmica e com custo quase nulo. Pode ser usado para criar formas artísticas, esculturais e paredes espessas também servem como massa térmica, fazendo com que a casa tenda a ficar quente no inverno e fresca no verão, tornando a temperatura interna fria de dia e quente a noite. Surpreendentemente, o material é totalmente estável em climas úmidos e chuvosos,

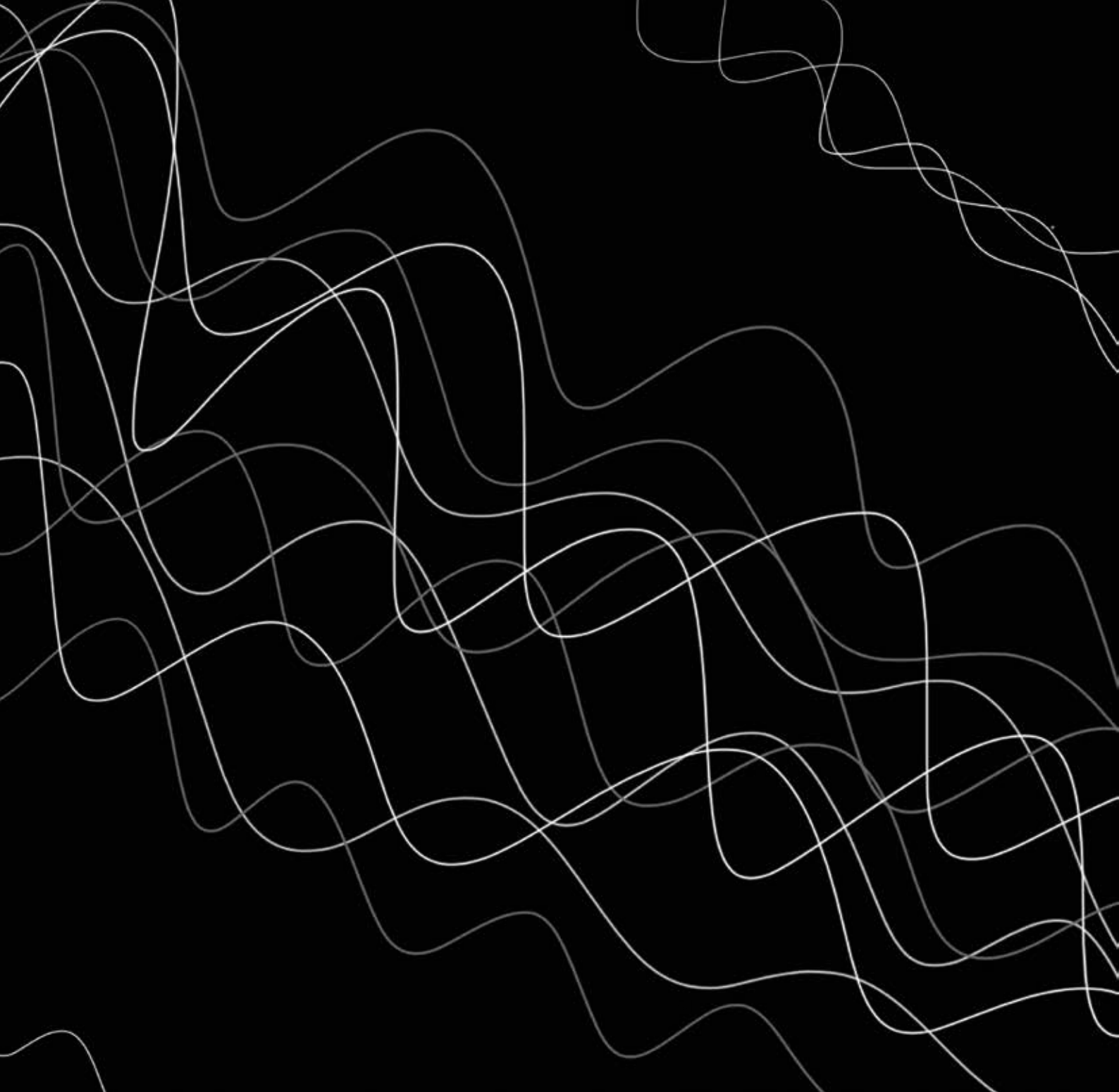
e contanto que a estrutura seja cuidada apropriadamente o cob não se deteriora.

Após o dia de trabalho todos foram para o galpão centenário nos fundos da casa e, em meio a barris muito antigos, assistimos a um filme do Monty Piton projetado em um data show. Soube que a sessão de cinema é parte da rotina da Tribo, que apesar de estar no meio do mato não dispensa a cultura— algo que também pude observar pela quantidade de livros que possuem por lá, sendo a maioria deles provindos de um dos membros, outrora professor de literatura.

É realmente difícil decidir se o mais agradável eram os dias ou as noites. Acordar com o canto dos pássaros selvagens após uma noite ouvindo o crepitar do fogo no galpão torna a decisão muitíssimo difícil. Os dias que se seguiram foram uma sequência de aprendizados que não cabem em um texto, mas a impressão que me deixaram estando agora na cidade e sendo acordado pelo ronco dos ônibus, é a de que a Tribo existe em uma dimensão fora do tempo. Por três dias em nenhum momento olhei o relógio, não sei a que horas ia dormir, não sei a que horas levantava. Fazia tudo quando sentia vontade, sintonizado com a do coletivo.

No caminho de volta, surpreendendo-me com a beleza dos cenários que a neblina havia ocultado, observei uma espécie de calma nas vozes interiores que parecem tão frenéticas quando nos encontramos na cidade. Me pergunto se não será isso o que chamam de paz interior, e se for, não será esta a solução para os nossos problemas em sociedade?”





Inserção da Comunicação e Cidadania no Universo Transexual de Santa Maria

Edimar de Oliveira Quevedo^I, Luísa Splimbergo Ferreira^I, Pablo Moreira de Mello^I, Rafael Vinícius Saggin Alves^I, Rosane Rosa^{II}

Resumo

Este artigo relata a experiência com o Subprojeto de Ensino e Extensão Direito a Informação no Verônica Alojamento, desenvolvido por acadêmicos do curso de Produção Editorial da UFSM na disciplina de Comunicação e Cidadania, em 2015\1. O objetivo foi democratizar a informação e a comunicação às travestis e transexuais residentes no Verônica Alojamento, no Bairro Urlândia em Santa Maria, RS. Isso se deu por meio de rodas de conversas com especialistas nas temáticas de interesse do grupo, bem como com a produção de três cartilhas sobre: violência, crack e previdência social. Para este artigo, além da pesquisa bibliográfica e documental, procuramos fazer uma reflexão dialógica entre teoria e prática, o ensino e a extensão.

Palavras-chave: Cidadania. Direitos humanos. Informação e comunicação. LGBT.

Abstract

This article reports the experience with the Subproject Education and Extension Right to Information in Veronica Accommodation, developed by students of the course of Editorial Production UFSM in the discipline of Communication and Citizenship in 2015\1. The objective was to democratize information and communication to transvestites and transsexuals living in Veronica Accommodation in Urlândia district in Santa Maria, RS. It was through wheels conversations with experts on topics of interest to the group, as well as the production of three booklets on: violence, crack and social security. For this article, as well as bibliographic and documentary research, we make a dialogic reflection of theory and practice, teaching and extension.

Keywords: Citizenship. Human rights. Information and communication. LGBT.

^IAcadêmico de Comunicação Social – Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria

^{II} Professora doutora da Universidade Federal de Santa Maria

Introdução

Este subprojeto foi desenvolvido na disciplina de Comunicação e Cidadania, pertencente à grade curricular do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, ministrada pela professora Dra. Rosane Rosa no 1º semestre de 2015.

O Verônica Alojamento está localizado na periferia de Santa Maria e nele são abrigadas transexuais e travestis que chegam de todo Estado do Rio Grande do Sul e até de outros estados. Estas, geralmente na margem da sociedade, sobrevivem em sua grande maioria por meio da prostituição. A proprietária da casa, Verônica Oliveira, é quem administra o alojamento primando por um clima de aconchego, conforto, amizade e fraternidade. Em 2015, o alojamento completou 10 anos de atividades. Por ainda não serem reconhecidas por sua identidade de gênero, grande parte destas pessoas já sofreram ou sofrem com a rejeição da família e da sociedade, falta de oportunidade no mercado de trabalho formal, dificuldades para se assumir, ou são vítimas da transfobia¹. Neste aspecto, é importante ressaltar que o Brasil está no topo do ranking de países que mais mata transexuais do mundo².

Diante dessa realidade, o objetivo foi contribuir com o Alojamento por meio da democratização da informação e da comunicação, iniciando por um diagnóstico comunicacional para conhecer as necessidades e demandas do grupo. Quando escolhemos o alojamento para realizar nosso projeto da disciplina, pensamos diretamente nos conceitos trabalhados em aula no que tange às questões das minorias.

Para a realização do mesmo, utilizamos como metodologia rodas de conversa. A escolha se justifica por ser uma metodologia participativa, onde todos os integrantes do grupo, as moradoras do alojamento e os colaboradores especialistas poderiam participar e discutir os temas propostos e demais assuntos que surgissem, bem como expor suas opiniões e vivências.

A luz das teorias

Após analisarmos alguns textos trabalhados em sala de aula e outros com temáticas mais específicas podemos buscar referências e conceitos teóricos

¹ Repulsa ou preconceito contra transexuais

² Disponível em:
<<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/brasil-tem-maior-numero-de-mortes-de-travestise-transexuais>>

para o trabalho prático. Assim ao utilizar autores como Gentili, Sodré, Bento entre outros, conseguimos ver uma inter-relação com o propósito do trabalho.

Segundo Gentili (2005) “se as modernas sociedades de massas são marcadas pela posse de direitos, sua complexidade coloca a exigência da ampla difusão de informação e cria a necessidade de se tornar claro e preciso o sentido do conceito ‘direito à informação’”.

Analizando esta proposição é possível considerar que ela fundamenta a proposta inicial do grupo que ao trabalhar com o Verônica Alojamento, tinha como objetivo principal subsidiar o grupo com informações sobre temas de interesse cotidiano como por exemplo, o vício em crack, violência sofridas, previdência social e assuntos veiculados pela mídia. Com isso, as informações levadas por profissionais de outras áreas até elas, fez com que ficassem a par dos direitos que possuem o que confirma o que o autor assinala ao afirmar que o direito à informação leva ao conhecimento e ampliação de outros direitos.

É através da informação que as pessoas conseguem exercer a cidadania e lutar pelos seus direitos e para isso é necessário se ter acesso a ela, o que gera democracia como aborda Gentili:

O direito à informação, portanto, deve ser compreendido como um direito relacionado diretamente aos outros direitos [...] É um direito que fomenta o exercício da cidadania e permite ao cidadão o acesso e a crítica aos instrumentos necessários ao exercício pleno do conjunto dos direitos de cidadania (GENTILI, 2005, p. 128).

O direito à informação, como chave de acesso aos demais direitos, ganha maior relevância em um contexto globalizado. Nesse aspecto reportamo-nos ao geógrafo Milton Santos (2000) quanto a sua percepção da existência de três mundos em um só, imposto pela globalização e que dialoga com nosso trabalho, principalmente devido aos relatos das moradoras do Verônica Alojamento. A primeira

forma a qual o autor se refere é a globalização como fábula que foi expressa através de reclames da grande demanda de notícias que a mídia expõe diariamente onde muitas vezes é distorcida com a finalidade de mostrar que estamos bem informados quando na verdade falta informação qualificada e diversificada. O segundo tipo pensado por Santos (2000) é a globalização como perversidade, constatado com os relatos de preconceito, violência e desemprego que as transexuais sofrem. Já a globalização como uma outra globalização, pensada para ser mais humana, foi relatada através de algumas conquistas pelas transexuais e também pela multiculturalidade e possibilidade de evoluirmos para uma sociedade intercultural. A interculturalidade remete à negociação e reconhecimento da diversidade e com isso é mais fácil desconstruir preconceitos.

Ao debater sobre violência contra as transexuais veiculadas pela mídia, estaríamos nos apropriando de reflexões acerca de redes digitais discutidas por Silveira (2010) e também a educomunicação trabalhada por Soares (2000), no caso, educar com e para a mídia. Silveira defende que “as redes digitais são o campo de batalha onde se travam algumas das lutas mais significativas pelos direitos humanos. Não podemos falar de liberdade de expressão nem de direito à informação se não considerarmos as possibilidades que as redes oferecem aos cidadãos menos favorecidos” o que foi observado na internet com o ativismo das moradoras do alojamento no **Facebook** compartilhando notícias sobre LGBTs e exercendo o direito de expressarem-se.

Soares (2000) dá destaque à observação da educação não formal feita por ONGs, meios comunicacionais e outras fontes de educação que estão fora dos muros de escolas e universidades. O autor propõe que a educação formal deve andar em conjunto com a informal com o propósito de que as pessoas tenham múltiplas visões sobre determinados assuntos, afinal a vida também ensina.

Pensando nisso, podemos evidenciar o quanto foi importante o conceito de educomunicação em nosso trabalho, esta, entendida como educar através da comunicação e também comunicar através da educação, pois levamos as temáticas abordadas em sala de aula e na mídia para o alojamento, assim como o processo inverso. O resultado propiciou a troca de conhecimentos e o exercício crítico formando cidadãos de ambos os lados.

Sodré (2005) coloca que a democracia em qualidade seria um regime de minorias, pois através dela é “imposto” seu discurso para que seja ouvido. Ou seja, através da participação das moradoras do alojamento em eventos como a parada livre, discussões e debates na câmara de vereadores entre outros eventos que elas participam, estariam exercendo o poder de cidadania e lutando contra a hegemonia e também por direitos sociais, civis, políticos entre outros.

A minoria aparece como conceito de um lugar onde se produz um fluxo de discursos e ações com o objetivo de transformar um determinado ordenamento fixado no nível de instituições e organizações. (SODRÉ, 2005, p. 14)

Ainda discutindo sobre minorias, Sodré diz que a mídia tem se tornado um dos principais “territórios” de luta das minorias. De acordo com essa visão, as moradoras do alojamento através de passeatas, gestos simbólicos, manifesto em conjunto com outros coletivos da cidade e uma aparição ainda tímida na mídia como em jornais, revistas e internet conseguem reconhecimento de seu discurso e lutas, buscando representatividade.

Essa representatividade vem com a articulação com outros grupos com mesma identidade social ou política (Marcha das Vadias¹, DCE², entre outros), o que gera maior visibilidade ao grupo e conquistas para a cidadania.

Desenvolvimento do projeto

O desenvolvimento do projeto deu-se a partir das seguintes etapas:

1 – discussão em aula sobre o grupo minoritário alvo do projeto e as ideias e possibilidades de comunicação integrada a serem desenvolvidas para este grupo;

2 – reunião do grupo para discutir o projeto a ser desenvolvido e definir quais integrantes do grupo poderiam participar do evento Diálogos³ e irem até o alojamento;

3 – visitas ao Verônica Alojamento: Após o contato com Dieison Marconi⁴, ficou combinado de irmos ao evento realizado na UFSM, “Diálogos”, cujo o tema

¹ Coletivo feminista de Santa Maria/RS

² Diretório Central dos Estudantes

³ Evento realizado na UFSM, voltado à discussão sobre o acesso e permanência de travestis e transexuais na educação.

⁴ Integrante do Coletivo LGBT VOE e estudante de doutorado em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

discutido foi o acesso e a permanência de travestis e transexuais nos âmbitos escolares e acadêmicos. As convidadas deste debate foram: Luma Andrade, Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Marina Reidel, Coordenadora Estadual de Diversidade Sexual da Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos do RS e coordena a Rede Trans Educ, Cilene Rossi, ativista do movimento LGBT de Santa Maria e Carolina Bonoto, bacharel em Jornalismo pela UFSM. A mediação da conversa foi realizada por Dieison Marconi. Terminado o evento, as participantes do debate e os integrantes do Coletivo Voe fizeram uma visita ao Verônica Alojamento e foi nessa oportunidade que os integrantes do grupo puderam acompanhar para conhecer o local, as moradoras e para apresentar o projeto. Através desse primeiro contato agendamos outras visitas para detalhar sobre o trabalho a ser desenvolvido. No primeiro encontro, alguns temas foram levantados como prioritários pelas moradoras do alojamento como, por exemplo, “Previdência Social”, “o que fazer em casos de agressão” e “crack”. Percebemos que as dúvidas eram muito comuns entre elas e não puderam ser sanadas naquele encontro. Diante disso, o objetivo do nosso trabalho foi sendo lapidado de acordo com a demanda das moradoras, como convém a uma educomunicação comunitária.

A primeira roda de conversa teve como temática a “Assistência Jurídica para Casos de Agressão”, com a presença da advogada Beatriz Magalhães e das estudantes de Direito da UFSM, Thalita Callegaro, Camila Dias, Bianca Petri e Dabine Caroene. Durante a conversa elas aprofundaram questões sobre o que é agressão, como e a quem recorrer, como procurar a defensoria pública e delegacia da mulher e ouviram relatos de discriminação e agressão sofridas pelas transexuais.

A roda de conversa sobre Crack, contou com a participação da psicóloga Michele Pivetta e a estudante de psicologia Maria Eduarda Moraes. Este tema foi sugerido pela proprietária do alojamento, Verônica Oliveira, e gerou bastante curiosidade e participação das moradoras, inclusive com relatos pessoais de uso e vício de substâncias tóxicas. A psicóloga teve como metodologia primeiramente ouvir as participantes do debate (qual o conhecimento, opinião e experiência que tinham sobre drogas) para então a partir disso, evoluir na conversa para quebrar

tabus e preconceitos contra usuários e dependentes químicos, já que algumas afirmavam ter preconceito contra usuários de crack.

Na terceira e última roda de conversa, debatemos a respeito da Previdência Social e contamos com a colaboração do advogado Charles Sonnehstral Filho. O tema Previdência Social foi escolhido devido à preocupação que muitas moradoras do alojamento têm quanto à aposentadoria, já que a maioria é profissional do sexo e sabe que essa profissão tem curta vida útil. O advogado deu início à discussão explicando sobre as classes de contribuição e, a partir das dúvidas, foi exemplificando para ser mais didático. Ele focou na contribuição individual (que é uma das formas que elas podem contribuir ao INSS) e tirou dúvidas sobre acesso a benefícios, período de carência e de graça, auxílio doença, acidente, LOAS e etc.

Após as rodas de conversa o grupo fez uma síntese do que foi abordado e elaborou as cartilhas, produzidas com o intuito de esclarecer as principais dúvidas surgidas durante as rodas de conversa sobre Violência, Crack e Previdência Social, para que as moradoras pudessem consultá-las sempre que necessário.

Considerações

O trabalho foi desafiador e gratificante, pois aproximou a academia da sociedade e mais especificamente a uma minoria. Esta troca de conhecimentos possibilitou maior compreensão sobre assuntos relacionados à transexualidade e perceber a necessidade de desconstruir os estereótipos presentes na sociedade. Além disso, acreditamos que atingimos nosso objetivo principal: democratizar o direito à informação e a comunicação cidadã e educativa para que as pessoas participantes pudessem conscientizar-se quanto aos seus direitos humanos e de cidadania. Desejamos que este trabalho que nos ensinou a ter respeito ao outro inspire outros universitários e universidades a aproximarem-se da comunidade saindo da redoma universitária.

Referências

GENTILLI, Victor. **Democracia de massas**: jornalismo e cidadania. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Cidadania e redes digitais**. ed. – São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010. Disponível em: <http://www.cidadaniaeredesdigit>

SOARES, Ismar. **Educomunicação**: um campo de mediações. Comunicação e Educação. São Paulo, (19): 12 a 24, set./dez. 2000.

SODRÉ, M. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.) **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.



Moreno Rei

A história de resistência da comunidade negra na cidade de Santa Maria

Julia Rebellato¹ Letícia Rodrigues¹ Luísa Ferreira¹ Edimar de Oliveira Quevedo¹

Franciele Rocha de Oliveira nasceu em Santa Maria e é moradora do bairro Rosário, onde sua mãe vive desde 1962. Em 2012 começou o curso de História e no primeiro semestre se interessou pela disciplina chamada Prática do Historiador em Museu. Seu professor mostrou na aula, uma lista com cerca de 16 instituições musicais de Santa Maria. O museu que ela escolheu ficava no bairro Rosário e era o Museu Treze de Maio, localizado na rua Silva Jardim. Esse espaço era voltado para a história e cultura afrobrasileira.

A autora escolheu falar no seu trabalho de conclusão de curso sobre o clube União, que era um clube de negros. Começou a pesquisar a bibliografia no Museu Treze de Maio e percebeu que havia uma invisibilidade historiográfica na cidade. Ela organizou uma lista com nomes de pessoas que frequentavam o clube para, através de entrevistas, entender a trajetória do mesmo.

Uma das primeiras coisas que encontrou na busca foi um jornal chamado Combatentes, do século XIX, que estava na Casa de Memória Edmundo Cardoso. Nesse jornal, havia uma notícia sobre a fundação do clube. Então, ela continuou buscando outros documentos no Arquivo Histórico Municipal, na Casa de Memória, no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, no Cartório de Registros Especiais e em alguns órgãos da Prefeitura.

As entrevistas foram feitas com cinco pessoas negras, sendo quatro delas, mulheres entre 60 e 90 anos. Todas moravam próximas ao clube ou tinham relação com alguém da diretoria. Após começar a pesquisar, ela percebeu que a história do clube estava ligada à Vila Brasil, que antigamente era uma vila operária de Santa Maria. Alguns entrevistados citaram um bloco carnavalesco chamado Rancho Suco, pertencente ao clube do União e mais adiante ela iria descobrir

¹Acadêmico(a)s de Comunicação Social – Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria

que existiu um jornal negro denominado O Suco. Em suma: o jornal era do bloco, o bloco estava dentro do clube, o clube estava dentro de uma vila operária e ela não podia dissociar essas coisas. E a partir dessa pesquisa, ela transformou o seu trabalho de conclusão em um livro.

Na primeira parte da obra, ela comenta sobre o pós-abolição na cidade, e como vai ocorrer a passagem do séc. 19 para o séc. 20 em Santa Maria. A autora aborda questões como a estruturação de uma nova ética burguesa, a estruturação de uma cidade que vai se urbanizar cada vez mais. E também, sobre as resistências na cidade.

Já no segundo capítulo ela explica o que foi encontrado sobre o clube União e atribui significados para essa fundação, o que significa criar um clube negro oito anos depois da abolição da escravatura, numa cidade que se diz branca. Descobriu-se que o União foi fundado em 1896, antes do Treze, e que é o mais antigo dos clubes negros da cidade. Ela discute sobre a localização do clube, pois os bairros Rosário e Bonfim – onde o clube é localizado – eram periferias e hoje são considerados centrais. Além disso, ela analisa o perfil dos moradores da Vila Brasil, uma vila operária. Ela cita algumas famílias que ajudaram a reconstituir a vila. Em contato com outros pesquisadores, foi encontrada uma imagem da Vila Brasil em 1914. Finalizando esse capítulo, ela argumenta sobre esse espaço, que é de conflito e de sociabilidade.

E no último capítulo, a autora debate sobre as práticas do clube que são as festas, as roupas, os bailes e as estratégias de resistência. A partir disso, ela faz um gancho com o Rancho Suco e com o jornal O Suco, relacionando ambos. Ela analisa que esses espaços não são uma imitação do que os brancos faziam, eles trazem muito mais, trazem uma ideia de afronta, uma ideia de que “se eles podem, a gente também pode”. Afrontar uma ideia que para um contexto que vem de uma tradição escravista, negros não podiam se organizar, eram inferiores, não sabiam se articular, não sabiam escrever um jornal. Há vários elementos que caracterizam os jornais negros, não só por serem feitos por mãos negras, escritos e pensados por negros, mas por trazerem temáticas que são interessantes ao seu

público-alvo porque muitas vezes isso não é visto em jornais brancos. Ademais, eles abordavam a questão de denúncia do racismo em seus jornais.

Muita coisa a inquietava, principalmente por saber que o movimento negro reivindicava visibilidade. Então, ela soube que a Câmara de Vereadores tinha um edital que se chamava Lei do Livro, que são editais tanto acadêmicos, quanto literários para publicações de Santa Maria e que trabalhem com a história e a cultura da cidade. O livro foi aprovado com unanimidade, pois era um trabalho inovador e colaborava com uma luta social, por direitos humanos e civis.

Esse trabalho é considerado importante porque reconhece uma história que é de resistência, que não é uma história passiva. É uma história de pessoas que se articularam, resistindo das mais diversas formas. E foram os ancestrais das pessoas entrevistadas que contribuíram com a história do clube e que, infelizmente, foi apagada dos registros oficiais. O União funcionou até os anos 90 e com uma trajetória tão grande, não ter nada escrito sobre, significa o silenciamento de uma história.

Muitas pessoas diminuem a escravidão em Santa Maria e no Rio Grande do Sul, pois acreditam que foi mais tênue do que em outros lugares. Porém, não interessa o número. Escravidão é escravidão e violência é violência, independente da quantidade de pessoas que sofreram. A ideia de que foi mais sutil, a ideia de que essas pessoas não tiveram dificuldades no decorrer de suas vidas, a gente consegue quebrar e demonstrar isso através do livro Moreno Rei.





Apontamentos Sobre a Internet e a Diversidade de Opiniões

Maurício de Souza Fanfa¹

Resumo

Este artigo propõe apontamentos sobre a delicada função que a internet pode ter de manutenção da diversidade de opiniões e pensamento, da importância desta para a democracia e o debate democrático, e da relação do efeito de bolha de filtros e a espiral do silêncio com o conceito de aparelho ideológico e uso repressivo da internet.

Palavras-chave: Internet. Diversidade de opiniões. Espiral do silêncio.

Abstract

This article propose notes on the delicate function that the internet may have on the support of opinion and thought diversity, on the importance of that in the democracy and the democratic debate, and the relation between the filter bubble effect and the spiral of silence with the concept of ideological apparatuses and repressive use of the internet.

Keywords: Internet. Diversity of opinion. Spiral of silence.

¹ Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria.

Diversidade e informação

O bem-estar da democracia está diretamente ligado à qualidade do que se discute na esfera pública: o debate democrático serve-se da diversidade de opiniões e pluralidade de ideias. Para Thompson (1998, p. 222): “o incentivo à diversidade e ao pluralismo na mídia é, portanto, uma condição essencial, não opcional ou dispensável, para o desenvolvimento da democracia deliberativa”. Nesse cenário, a *internet* foi considerada como um possível catalisador da diversidade, o que Thompson (1998, p. 223) tratava como “teledemocracia” foi mais tarde teoricamente desenvolvido por André Lemos (2010) como ciberdemocracia.

Apuramos, em contraponto, a hipótese dos usos autoritários da *internet*, através de um levantamento de pontos de vista e argumentos acerca deste caráter repressivo que a rede pode desenvolver. Inicialmente, exploraremos a ideia de que a *internet*, enquanto mídia, demonstra recentes mudanças na sua forma de organizar conteúdo, oscilando entre o rizomático e o massivo. Em seguida, buscamos entender como alguns efeitos estudados pela comunicação e pelas ciências sociais podem ajudar a compreender as relações entre os nós da rede. Por último, ponderaremos sobre as funções ideológicas da *internet*, observando hipóteses de suas formas repressivas.

Internet, entre eídias

Parece existir uma mudança em curso: a *web*, ferramenta de organização hipertextual de conteúdo que roda sobre a *internet*, parece estar em desuso, assim argumenta Hossein Derakhshan (2015). Para ele, a *internet* desloca-se de sua natureza hipertextual em direção a uma forma passiva e linear de consumo de conteúdo, especialmente relacionada ao consumo de vídeo em detrimento de texto. Essa transição pode ser relacionada ao mesmo efeito documentado por Leo Mirani (2015): colecionando observações de diferentes pesquisadores, é visível a discrepância, em alguns países, entre um número maior de pessoas que se declararam usuárias de *Facebook* e um número menor dos que se declararam usuários de *internet*. A conclusão é de que as pessoas usam o *Facebook* sem

saberem que estão usando a *internet*, muitas creem que “o Facebook é a *internet*”, exemplo claro do declínio da *web* enquanto aplicação hipertextual.

Outro efeito preocupante que contribui para a percepção de uma similaridade entre a *internet* e a televisão é o efeito da bolha de filtros (*filter bubble*): os filtros, *gatekeepers* algorítmicos que surgem para estancar o fluxo crescente de informação na rede e compõem o que se entende por comunicação personalizada são, para Eli Parisier (2011), responsáveis por um menor intercâmbio de opiniões e pontos de vista na *web*. Substitui o *gatekeeper* tradicional, processo editorial realizado antes da distribuição da informação, para uma forma de *gatekeeper* individualizado, baseado em decisões ocultas de algoritmos, centrado numa visão singular de mundo que alimenta a si mesma. Nos termos utilizados por Recuero (2009) para estudar redes sociais, esse efeito parece ser capaz de estreitar distâncias entre alguns nós e cada vez mais centralizá-los, ao mesmo tempo em que os distancia de outras fontes de informação. Ainda sobre a formação de bolhas, em estudo mais completo, Zuiderveen Borgesius *et al.* (2016) apontam para um cenário possivelmente preocupante caso a tecnologia de personalização torne-se fonte comum de informação.

Quando levamos em conta dados como os da Pesquisa Brasileira de Mídias da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (2015) que indicam quase metade da população brasileira como usuários de *internet*, usando a rede uma média de cinco horas por dia, sem considerar a sempre conectada *internet* móvel, notamos quão importante é a relação ética e moral entre a *internet* e a diversidade de opinião.

A *internet* como a tv

Visto que a *internet* passa a se configurar como a televisão, imagina-se que seja justo estudá-la dessa forma. Sobre os efeitos da mídia numa forma de opinião pública, Barros Filho (2008) traz atenção para as implicações éticas da espi-ral do silêncio, modelo desenvolvido por Elisabeth Noelle-Neumann (1974, 1993,

apud Barros Filho) que se preocupa com a supressão da opinião própria quando ela diverge da opinião dominante por medo do isolamento.

Ainda sobre a relação ética entre a opinião pública e a mídia, talvez devêssemos voltar a atenção ao efeito do falso consenso (Fields e Schuman, 1976, apud Barros Filho), que explica que imaginamos que os outros pensam em consenso conosco. Este efeito pode ser catalisado por uma bolha de filtros: teríamos não apenas a impressão, como a confirmação de que estamos em consenso com uma maioria.

Imagina-se que tal hipótese sirva como freio à espiral do silêncio dadas as situações ideais, porém o que pode acontecer é uma reorganização destas relações. Dentro da bolha de filtros criada ao nosso redor, a espiral do silêncio agiria ainda sobre as opiniões divergentes, de tal modo que pode ser possível não apenas uma alienação em relação a outras realidades, como também uma planificação ideológica, à medida que os filtros algorítmicos retroalimentam as mais dominantes entre as já bem recebidas formas de pensamento. Tal forma de pensar uma reorganização apocalíptica da opinião nos rememora à indagação de que se pode a televisão moldar a alma (Novak, 1986, apud Barros Filho, 2008), talvez possa a internet consolidar este molde. Mostram-se ainda mais pertinentes os estudos sobre a teoria da cultura, agora realocados para o ambiente social criado pela internet.

A internet como aparelho

As ideias do efeito da espiral do silêncio atuando em conjunto com o efeito de bolha de filtros, que retroalimentam as já dominantes formas de pensar e planificam ideologicamente as opiniões, invocam invariavelmente formas de pensar a informação como as que teorizou Althusser (1985): os aparelhos ideológicos, com uma tendência de submissão a um sujeito central. Althusser discorre especialmente sobre o aparelho ideológico escolar, pois o considera dono da maior audiência possível, mas o texto escrito originalmente nos anos sessenta passa a dar lugar para uma realidade onde o aparelho ideológico de maior poder possa ser o de informação. Este cenário é criado pela tendência de organização da

internet apenas como serviço de tecnologia, e, portanto, passível de tecnologias de personalização que geram bolhas de filtros, em detrimento a organização como um serviço de comunicação com função social.

Althusser (1985) afirma que “[...] o Aparelho repressivo do Estado ‘funciona através da violência’ ao passo que os Aparelhos Ideológicos do Estado ‘funcionam através da ideologia’.” (p. 69), porém a atuação repressiva para manutenção dos aparelhos ideológicos é também evidente agora: discorrem sobre a internet como forma de repressão Assange et al. (2013), ao entendê-la como um facilitador do totalitarismo. A internet, não apenas como aparelho ideológico, atua como instrumento de vigilância. Apesar de Assange considerar a internet uma ferramenta com capacidade democrática, ele assinala a importância dos cuidados que devemos ter ao lidar com ela enquanto tecnologia. As preocupações políticas dos autores são, especialmente, a de uma “militarização do ciberespaço” (p. 44) e da vigilância, ferramentas associadas diretamente ao que Althusser entende por aparelho repressor.

O autor complementa sua tese sobre a atuação dos aparelhos ideológicos com a premissa de que “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (Althusser, 1985, p. 93), daí a força dos aparelhos ao diminuir as subjetividades e as formações e fortificações de diversidade de opinião. Esta forma de observar o objeto explica por que, mesmo com seu caráter dito pós-massivo, a internet mostra inclinação a abrigar discursos de ódio, diferentes formas de intolerância, e outras forças que jogam contra a construção de um ambiente de pluralidades.

Considerações finais

É essencial a atenção para como a internet pode ser utilizada como instrumento repressor, especialmente dada a relação que desenvolvimentos tecnológicos como os gatekeepers algorítmicos podem manter com efeitos sociais como a espiral do silêncio, assim como as implicações éticas dessa relação. O levantamento do ponto de vista a que se propõe este artigo deve servir como um reconhecimento de impressões sobre o funcionamento da internet como aparelho.

A internet aproxima-se de sua maioridade, tanto tecnológica como social, e estão próximos também momentos que serão cruciais para a conservação de seu caráter plural e democrático. Durante estes momentos, é nosso dever promover esta maioridade de maneira saudável e amparar essa capacidade de suporte à diversificação de pensamento, característica da rede como a conhecemos.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ASSANGE et al. **Cypherpunks**: liberdade e o futuro da internet. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2013.

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na Comunicação**. São Paulo: Summus, 2008.

DERAKHSHAN, Hossein. The Web We Have to Save. **Matter**, 2015. Disponível em <<https://medium.com/matter/the-web-we-have-to-save-2eb1fe15a426>>, acesso em 16 de Maio de 2016.

LE MOS, André. **O futuro da Internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

MIRANI, Leo. Millions of Facebook users have no idea they're using the internet. **Quartz**, 2015. Disponível em <<http://qz.com/333313/millions-of-facebook-users-have-no-idea-theyre-using-the-internet/>>, acesso em 16 de Maio de 2016.

PARISIER, Eli. Beware online “filter bubbles”. **TED**, 2011. Disponível em <https://www.ted.com/talks/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles/>, acesso em 16 de Maio de 2016.

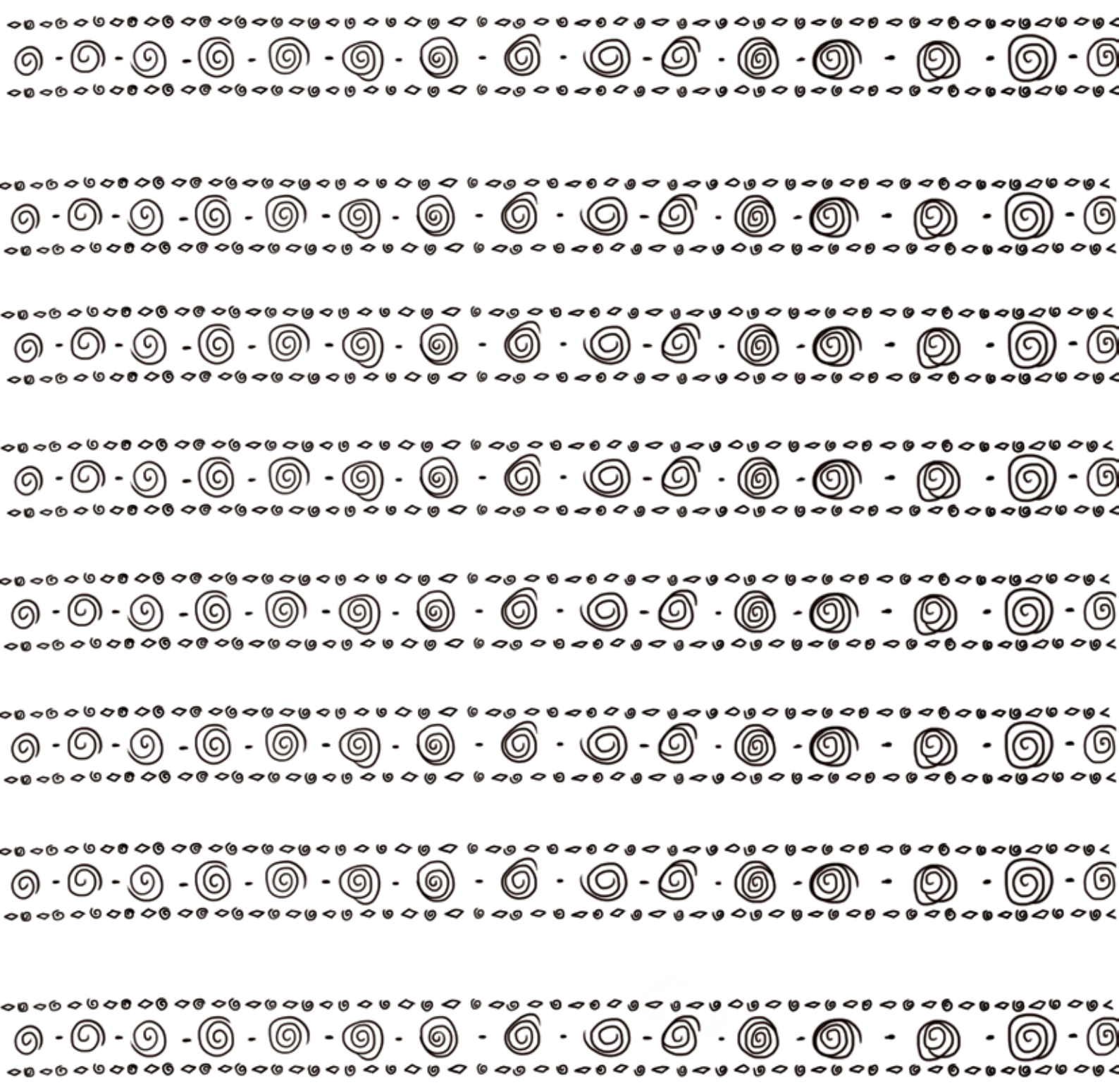
RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. SECOM, 2015. Disponível em <<http://www.secom.gov.br/atuuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas>>

quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>, acesso em 16 de Maio de 2016.

THOMPSON, John. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ZUIDERVEEN BORGESIOUS, Frederik et al. Should we worry about filter bubbles? **Internet Policy Review**, v. 5, n. 1, 2016. Disponível em <<https://policyreview.info/articles/analysis/should-we-worry-about-filter-bubbles>>, acesso em 16 de Maio de 2016.



Teoria *queer* em foco

Edimar de Oliveira Quevedo¹, Pablo Mello¹

A teoria *queer* (ou estudo *queer*) pode ser percebida como movimento teórico e político difuso e transnacional, que apresenta uma crítica a um modelo hegemônico e aos seus binarismos (hetero/homo; homem/mulher), o qual separaria os corpos dos sujeitos entre os que seriam “normais” e “anormais”. Ou seja, essa teoria nega o enquadramento das pessoas em categorias universais, como por exemplo: homem e mulher, heterossexual e homossexual.

A palavra *queer* era utilizada para se dirigir a homossexuais de forma pejorativa, com intuito de denominar como “estranho” “ridículo” ou “esquisito”. O termo foi reapropriado e passou a reunir aqueles que estabeleciam em seus trabalhos, críticas, a todo este regime capaz de relevar corpos à abjeção. Em suas raízes, a teoria *queer* remete ao movimento feminista.

Em se tratando de autores/as que trabalham ou trabalharam a temática *queer*, podemos ressaltar: Adrienne Rich, Guy Hocquenghem, Gayle Rubin, Nestor Perlongher, Judith Butler, Eve Kosofsky Sedwick e Beatriz Preciado.

Dieison Marconi, é graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela UFSM, possui mestrado em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e atualmente é Doutorando em Comunicação e Informação, na linha de pesquisa Mediações e Representações Culturais e Políticas, pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua pesquisa “Documentário *queer* no Sul do Brasil (2000-2014): narrativas contrassexuais e contradisciplinares nas representações das personagens LGBT”, foi eleita a Melhor Dissertação de 2016, no prêmio COMPÓS de Teses e Dissertações Eduardo Peñuela, promovido pela Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (COMPÓS), sobre orientação do professor Cassio dos Santos Tamaim.

¹Acadêmicos de
Comunicação Social –
Produção Editorial na
Universidade Federal
de Santa Maria

Em entrevista cedida à nossa publicação, Dieison nos conta, entre outras coisas o que o levou a pesquisar essa temática, a contribuição científica de seu trabalho e os desdobramentos futuros de sua pesquisa.

Em linhas gerais, contextualize sua pesquisa, objetivos, metodologia e resultados obtidos.

Através de uma perspectiva dos Estudos *queer*, meu trabalho consistiu em uma análise das representações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e pessoas transexuais nos documentários contemporâneos que a região sul do Brasil produz. Ao buscar investigar essas representações, eu também quis compreender de que maneira estes documentários partilham de uma estética/narrativa *queer*, ou melhor, de que modo eles se constituem enquanto documentário/cinema *queer*. Assim, eu realizei um mapeamento de todos os documentários com personagens LGBT que a região Sul do Brasil produziu desde os anos 2000 e, após esse mapeamento, empreendi uma análise dessas obras. Ao final, pôde-se aferir que estes filmes mapeados e analisados compartilham de algumas estéticas e representações diversas. Mas em resumo, é possível notar uma hegemonia das representações assépticas, higienizadas, de modelo essencialista e identitário. E, por outro lado, também foi possível perceber que há filmes que não estão preocupados apenas em se opor aos retratos estereotipados, em elaborar uma representação positiva das LGBT ou reduzir sua criatividade a uma reificação identitária. Para além disso, apostam em uma estética de resistência que também é contraprodutiva, contrassexual e *queer*. Ou seja, um cinema que está interessado na interrupção da produção das normas sociais através da incorporação política do *outro-abjeto*

O que lhe motivou a pesquisar a temática *queer*?

Muita coisa me motivou a me apoiar em um aporte teórico, político e metodológico *queer*. Muita coisa me motivou a investigar questões *queer*. Mas eu diria que estas motivações se desdobram e se misturam as questões políticas, teóricas e pessoais. Primeiramente, vejo o *queer* como uma grande potencialidade política de desconstrução das normatividades de sexo/gênero, como uma potencialidade democrática mais efetiva e radical das sexualidades e da valorização das diferenças. Na medida em que nosso horizonte de reivindicações e luta por reconhecimento se esgota em uma afirmação identitária e essencialista, sempre deixaremos muita gente de fora, continuaremos reiterando e somando novas e velhas normas formas de normatividades e conservadorismos. E, e entre outras coisas, o *queer* exige que repensemos estas estratégias.



Também acredito que é muito importante que aqui no Brasil e na América Latina continuemos nos perguntando o que o queer tem a nos oferecer. E precisamos fazer isso de maneira crítica para se evitar a velha geopolítica do conhecimento. Acho que esta tensão está presente em minha pesquisa. Minha dissertação também partiu dessas reflexões: mas afinal, o que é cinema queer no Brasil? O que é documentário queer? Quando falamos em cinema queer no Brasil, sempre nos remetemos ao filme de ficção de longa-metragem e, de certo modo, essa desvalorização do cinema documentário está presente na própria historiografia do cinema brasileiro. Isso me motiva a seguir em frente, pois os estudos/movimentos queer no Brasil ainda são recentes, há muitas perguntas a serem feitas e as que estão sendo feitas ainda carecem de respostas. Mas, por outro lado, há um conjunto de experientes e também de jovens pesquisadores dedicados a seguir pensando sobre isso tudo. O queer nos oferece, inclusive, uma potencialidade política no modo de produção científica. Acredito que nosso problema é epistemológico e, enquanto não produzirmos e partilharmos novas formas de conhecimento, continuaremos categorizando vidas e dizendo quais são possíveis de ser vividas. Continuaremos a eleger sujeitos humanos, desumanos e inumanos, continuaremos matando toda essa gente abjeta. E pensar o cinema dentro deste arcabouço é compreendê-lo, também, enquanto uma tecnologia, narrativa, estética ou produto de consumo que não é apenas uma representação de uma realidade preexistente. Ele é, na verdade, uma discurso constitutivo na nossa realidade, das normas de sexo/gênero, dos conservadorismos vigentes. Mas, por outro lado, ele também pode nos ajudar a contraproduzir e a contrassexualizar estas normatividades.

Partindo de uma visão geral de seu trabalho, como avaliaria a contribuição científica do mesmo para a área da comunicação?

Acredito que o trabalho inova, principalmente, ao pensar nas diferenças estéticas de um documentário *queer* no Brasil. Acredito que inova ao dar atenção os modos de produção das diferenças de sexo/gênero no cinema documentário. A comunicação, as artes e estudos em cinema não dão muita atenção a esta intersecção entre documentário e teoria queer ou, de modo mais assertivo, pouco pensamos sobre documentário *queer* no Brasil.

Dentro do contexto da realidade histórica, social e cultural, você percebeu alguma mudança de postura no que tange à sociedade em relação a esta temática, ou no protagonismo destes personagens no cinema?

Diferente do que houve no século passado, acredito que há um tratamento diverso destas personagens no cinema brasileiro. E havendo um tratamento mais diverso, também penso que existe uma disputa no campo da representação. Há aquelas obras que insistem em uma “representação positiva”, muito apoiada em um modelo igualitário e identitário e de marca assimilacionista. Também está em curso um tratamento camp, carnavalizado ou artificial das sexualidades dissidentes. Talvez seja difícil perceber uma potencialidade política nestas estéticas, mas acredito que elas estão ali e subvertem, do seu modo, as normas sexuais e genericadas. E, por outro lado, ainda existem representações preconceituosas. Mas para denominá-las assim, é preciso pensar de qual perspectiva estamos falando. O que eu noto é que o cinema e o audiovisual que trata das questões de gênero e sexualidades é um verdadeiro campo de batalhas.

**Tendo ganho este prêmio, reconhecimento junto ao
Compós, quais os desdobramentos que você vislumbra
para sua pesquisa futuramente?**

Ter recebido este prêmio me fez repensar muita coisa sobre meus estudos e objetos de pesquisa. Durante os dias do congresso conversei com muitos pesquisadores e, nesse momento, estou com muitas dúvidas. E acredito que estas dúvidas são muito importantes para o amadurecimento do meu projeto de tese que desenvolvo enquanto discente no curso de doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acho que essas dúvidas são muito importantes para meu amadurecimento enquanto pesquisador, cientista e sujeito crítico das práticas midiáticas contemporâneas. Sigo pensando em todas estas questões e, através delas, sigo acreditando e lutando por uma sociedade melhor para todas as pessoas.

Freeda: um estímulo ao respeito através das mídias digitais

Márcia Zanin Feliciani¹

Resumo

São comuns iniciativas que visem dar voz à determinada causa social. Uma dessas propostas, que surge aliando o uso de um aplicativo (forte tendência comunicacional da atualidade) às discussões sobre respeito a identidades sexuais e de gênero é Freeda. O projeto, desenvolvido por quatro jovens, tem como objetivo principal promover a avaliação de estabelecimentos de acordo com seu atendimento, prezando pelo respeito à diversidade. O presente artigo promoverá um aprofundamento no que se refere à comunicação pública e à participação política mediada pelas mídias digitais, introduzindo o Freeda nesse meio.

Palavras-chave: Aplicativo. Respeito. Causa LGBT.

Abstract

Are common initiatives aimed at giving voice to certain social cause. One of those proposals, which arises by combining the use of an application (strong communicational trend of today) to discussions about sexual and gender identities is Freeda. The project, developed by four youths, has as main object promote the evaluation of institutions according to their service, valuing the respect for diversity. This article will promote further development with regard to public communication and political participation mediated by digital media, introducing Freeda in between.

Keywords: Application. Respect. LGBT cause.

¹Acadêmica de Comunicação Social – Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria.

Introdução

Apesar de ter evoluído bastante em termos de aceitação, a sociedade brasileira ainda apresenta preconceitos com relação à causa LGBT. Não são raros casos de discriminação, e mais constantes ainda no atendimento em estabelecimentos, seja por parte dos proprietários, funcionários ou demais clientes; entretanto, são poucos desses casos que chegam ao conhecimento da população.

Pensando nisso, quatro porto-alegrenses uniram-se e criaram uma alternativa para expô-los: surge, assim, o Freeda. Projeto concretizado na forma de um aplicativo que estará disponível na App¹ e na Play Store², tem como objetivo central permitir que seus usuários avaliem estabelecimentos de acordo com o tratamento recebido, prezando pelo respeito à diversidade.

As avaliações gerarão um mapa e um ranking³, conferindo aos estabelecimentos bem avaliados um selo do projeto. O aplicativo também apresentará um conjunto de regulamentações a respeito dos direitos LGBT para que os usuários possam argumentar em situações de desconforto. Por fim, locais que desejarem adequar-se a essas condições poderão receber consultoria e treinamento por parte da equipe criadora do Freeda.

Partindo da visão de comunicação pública de Coelho (2013) e de participação política a partir da internet de Dahlgren (2011), entenderemos como essa iniciativa se dá e qual sua importância como uma tendência no campo das mídias digitais.

A participação sociopolítica na internet

A comunicação pública geralmente é associada às ações comunicacionais do Estado; entretanto, como coloca Coelho (2013), o conceito pode ser bem mais ampliado. A autora entende a comunicação pública como a discussão de todo e qualquer tema que for de interesse comum e envolva dimensões éticas e/ou morais. Em resumo, trata-se de utilizar as redes de computadores em favor do bem comum.

A autora ainda considera que o processo de comunicação pública passa por três etapas: a publicidade, a crítica e o debate (os dois últimos feitos por parte dos receptores). Logo, essa interação é indispensável para o exercício da democracia.

¹ Loja de download de aplicativos para dispositivos Apple.

² Loja de download de aplicativos para dispositivos com sistema Android (Google).

³ Classificação ordenada de acordo com critérios determinados.

Com a expansão da internet e das mídias digitais, a capacidade de participação política da população cresceu em grande escala. Apesar de o uso para causas de interesse social e/ou político ainda ser menor do que o pessoal (DAHLGREN, 2011), é notável o crescimento de ações sociais originadas na internet. Os aplicativos, forte tendência comunicacional atual, refletem essa participação.

São várias as iniciativas que buscam auxiliar determinada parcela da população, afetando, assim, as demais. É o caso do aplicativo Hand Talk⁴, que permite que deficientes auditivos possam traduzir mensagens de texto ou de voz em libras, diretamente na tela de seu celular; ou então o City Heroes⁵, onde o usuário pode relatar problemas urbanos e ainda acompanha o andamento da resolução.

Abordando a temática de adoção de animais, apresenta-se o Adote Pets⁶; nele, os usuários podem adotar e/ou anunciar bichinhos que estão à procura de um lar. O aplicativo conta com fotografias e descrição dos animais, além de espaço para contato do responsável.

Para além dos outros milhares de exemplos, existem também aplicativos onde é possível encontrar opções de entretenimento, como é o caso do Sniffer. Nele, o usuário identifica qual a sua localização e recebe opções de estabelecimentos, divididos por categorias. Assim, entretanto, o aplicativo acaba sendo um tanto generalizado, visto que não são todas as pessoas que se sentem confortáveis em qualquer estabelecimento. É aí que se apresenta o diferencial do Freeda.

A iniciativa Freeda

O Hackathon Gênero e Cidadania é um concurso promovido pela Câmara dos Deputados que desafia os participantes a criarem uma solução digital a partir de um tema de interesse público. No ano 2014, foi solicitado que as ideias fossem relacionadas à violência contra a mulher, ou políticas de gênero.

Foi adotando a segunda linha que Barbara Arena (desenvolvedora de software⁴), Gabriel Galli (jornalista), Guilherme Ferreira (doutorando em Serviço

⁴ <https://www.handtalk.me/>

⁵ <http://cityhero.es/pt>

³ <http://adotepets.com/>

⁶ Comportamento exibido por uma sequência de informações quando executada em um dispositivo; programa.

Social) e Patrícia Becker (advogada) criaram o Freeda. Trazendo em seu nome referência à Frida Kahlo⁷ e à liberdade, a ação tem como objetivo principal avaliar estabelecimentos dos mais variados tipos (como bares, boates, restaurantes, etc.) de acordo com o respeito à diversidade sexual e de gênero, seja por parte dos proprietários ou dos demais frequentadores.

As avaliações, feitas pelos próprios usuários a partir da escolha de uma nota e comentários, darão origem a um ranking e a um mapa, sugerindo opções agradáveis de entretenimento. O aplicativo também disponibilizará uma compilação de regulamentações dos direitos LGBT, para que as vítimas possam argumentar em situações de desrespeito.

Os estabelecimentos bem-avaliados receberão do Freeda o selo “Espaços de diversidade”, para valorizar seu atendimento. Além disso, os que possuírem interesse em aprimorar seus serviços poderão receber acompanhamento dos organizadores do projeto.

Além de buscar aumentar o respeito a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, o aplicativo também tem foco nas mulheres: situações de tratamento pejorativo podem ser igualmente denunciadas.

A ideia dos criadores, todos ativistas em movimentos de diversidade sexual e/ou de gênero, partiu da premissa que são vários os casos de desrespeito ao público LGBT, mas são poucos os que são divulgados. O Freeda apontaria em quais locais o atendimento não é adequado, e assim valorizaria os que oferecessem um tratamento respeitoso e igualitário.

Apesar de não ter sido vencedora do Hackathon, a ideia sairá do papel: Freeda estará disponível para download⁸ na App e na Play Store a partir de junho de 2016. As informações oficiais referentes ao projeto podem ser encontradas no freeda.me.

Considerações

Sempre se exigiu dos profissionais de comunicação que exercessem a capacidade de pensar produtos midiáticos inovadores e que beneficiassem a

⁷ Pintora mexicana que viveu de 1907 a 1954. É lembrada, principalmente, por sua participação em movimentos sociopolíticos.

⁸ Obtenção de um conteúdo/programa na internet.

população. O avanço da internet e das mídias digitais ampliam ainda mais essa capacidade de produção: são notáveis exemplos de iniciativas com cunho social originadas na internet.

Além da produção independente, apresentam-se inúmeros editais públicos e privados que visam dar lugar a essas ideias. Freeda encaixa-se nesta categoria e aponta para uma tomada de atitude: pessoas que eram testemunhas de desrespeito relacionado às identidades sexuais e de gênero e resolveram fazer uso das mídias digitais para criar uma alternativa de divulgação desses casos.

A internet é uma grande plataforma de circulação de discursos. É necessário reverter essa imagem às vezes negativa que se tem de seu uso, e utilizá-la para desenvolver iniciativas que tragam benefícios concretos para a sociedade.

Referências

COELHO, M. **O acontecimento público *Satiagraha*, entre o estado e a mídia**. 2013. 314 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

DAHLGREN, Peter. As culturas cívicas e a internet: para uma contextualização da participação política. **Media & Jornalismo**, Portugal, v. 10, n. 1, p. 11-30, 2011.

Freeda | Espaços de diversidade. Disponível em: <<http://freeda.me/>>. Acesso em 7 de maio de 2016.

Freeda app: o aplicativo que denuncia lugares em Porto Alegre que não respeitam a diversidade sexual. Disponível em: <<http://goo.gl/lqK4UB>>. Acesso em 7 de maio de 2016.

Freeda: Tecnologia voltada ao público LGBT ~ Gemis. Disponível em: <<http://goo.gl/mglzFn>>. Acesso em 9 de maio de 2016.



Consumidor Como Porta Voz da Marca

Estéfany Della Flora¹

Ao fazer uso de muita ironia e humor negro, José Roberto Torero, diretor do curta-metragem “A Alma do Negócio”, satiriza a publicidade da década de 90, sendo esta uma grande ferramenta em prol do consumismo exacerbado que se potencializou no período.

O curta é de 1996 e narra o cotidiano de um legítimo casal propaganda: os personagens vivem uma vida maravilhosa e exaltam os produtos que os cercam. Este modelo de roteiro ainda é amplamente utilizado na publicidade, como podemos ver nos chamados “comerciais de margarina”, em que observamos uma família tradicional tomando seu café da manhã, felizes e radiantes consumindo o produto anunciado.

No decorrer da trama desse audiovisual, se critica claramente a mediocridade existente nas mensagens publicitárias. A atuação de Carlos Mariano e Renata Guimarães dramatiza essa questão, pois ambos conseguem dar o tom de ridículo e de exagero na exaltação dos produtos, e não permitem que o público perceba o desfecho da história antes de vê-lo.

Ao analisar o curta, podemos também nos fazer uma pergunta muito pertinente: até que ponto nós mesmos não nos tornamos “garotos(as) propaganda”? Falamos sobre marcas diariamente, suas qualidades e atributos, as colocamos como parte do nosso cotidiano e de nossas relações, como “seres” indispensáveis. Quantas vezes não versamos sobre o quão bom são produtos ou marcas? Estas obviamente agradecem por isso, e veem sua força persuasiva multiplicada quando os próprios consumidores assumem – geralmente de modo inconsciente – essa posição de “porta voz” das marcas.

¹Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Santa Maria.

Os comentários em relação ao curta foram desde elogios refinados até críticas duras, as quais desprezavam o desenrolar do roteiro por ser violento, sangrento ou até mesmo trash, de mal gosto. Porém não se pode desprezar que o curta apresenta uma crítica importante, a qual fomenta esta discussão acerca da publicidade e do consumo. A violência grosseira e inesperada do final funcionou como um reforço da mensagem principal que vem ironizar o comportamento dos indivíduos persuadidos por desejos exacerbados do consumismo, e assim o objetivo do curta foi cumprido de modo bastante eficaz.

Rota Hipertextual Baseada em Tags: Estudo de Caso da Cobertura Jornalística do Incêndio em Santa Maria

Luana Teixeira de Souza Cruz

Resumo

Este artigo apresenta uma discussão sobre a rota hipertextual baseada em *tags* e sobre processos de produção jornalística e de leitura no contexto da Web Semântica. A cobertura do incêndio em Santa Maria (RS), pelo site o jornal Estado de Minas, é usada como exemplo de como o gerenciamento de *tags* pode transformar a audiência online e de como as palavras-chave funcionam como atratoras de leitores na Web.

Palavras-chave: Web Semântica. Jornalismo. Tags.

Abstract

This article presents a discussion about hypertext route based on tags and about journalistic production and reading processes in the context of the Semantic Web. The case of fire in Santa Maria (RS) is the example of the way management tags change the online audience and keywords work like attractors of readers in the Web.

Keywords: Semantic Web. Journalism. Tags.

¹ Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

Introdução

O jornalismo digital, a difusão das redes sociais e a hipermediatização do relacionamento entre empresas e consumidores fazem nascer uma nova era para a produção e leitura na Web. Muito se discutiu sobre o formato da comunicação e da linguagem na cultura pautada pela lógica de rede, principalmente na Internet, mas ainda há o que falar sobre as nuvens de informação, em alguns momentos organizadas e, em outros, desorganizadas. Os estudos sobre efeitos das novas tecnologias na comunicação servem como base para passos futuros, nos quais o grande desafio é pensar as formas de interação na Web a partir de uma estética do banco de dados, baseada em *tags* e remixada na rede. Segundo Moherdaui (2010), uma *tag* é uma palavra (relevante) ou termo associado com uma informação – uma imagem, um artigo, um vídeo – que a descreve e permite uma classificação da informação baseada nessa etiquetagem.

Moherdaui (2010) considera que os produtores – os agentes comunicadores, principalmente empresas de comunicação – ainda não entraram nesse circuito e continuam fincados na teoria transmissionista¹. O que proponho neste estudo é mostrar que essa realidade está mudando e os produtores incorporaram, mesmo que timidamente, estratégias de gerenciamento de *tags* na rotina, pois sabem que a Internet não é um ambiente para receber e disponibilizar conteúdos, mas um território a ser desenvolvido cotidianamente pelos leitores (BEIGUELMAN, 2009). Abre-se aqui um espaço para entender como as *tags* funcionam como elo na rota hipertextual do leitor, trabalhando como “atratoras” na Web.

A complexa rota hipertextual na web

Para entender como a lógica da rede influencia a comunicação, é preciso pensar que a leitura e a escrita possibilitadas no ambiente hipermediático apresentam características específicas. Trata-se de uma escrita não sequencial, não linear, trata-se de hipertexto. Segundo Landow (2006), a hipermídia estende a noção de texto em hipertexto ao incluir informação visual, som, animação e outras formas de dados. Para tratar da fase semântica da Web é preciso pensar no hipertexto como a potencialidade da rede que permite seu funcionamento e dinamismo.

¹Teoria Matemática da Informação (1949): Claude Shannon e Warren Weaver elaboraram o modelo comunicacional que é a extensão de um modelo de engenharia de telecomunicações.

Além do hipertexto é preciso pensar na proliferação de dados digitais que, segundo Lima Júnior (2012), está produzindo bases de dados gigantescas, espalhadas pelo mundo e podendo ser acessadas de qualquer lugar do planeta, o que cientistas da computação cunharam de Big Data. O que está ajudando a mudar esse cenário de “desestruturação” de dados é o progressivo tagueamento do conteúdo na Web. A configuração tecnológica atual ocasiona a conexão entre bases de dados, por isso surgem novas arquiteturas com níveis informacionais que tendem ao infinito.

A sociedade da informação vive um momento de interoperabilidade semântica e uma tarefa aguarda os especialistas: aprisionar o caos digital descobrindo sob a sua “aparente” desordem deverá funcionar como espelho da inteligência coletiva. Uma das propostas para mudar o cenário de opacidade são as ferramentas da Web Semântica ou Web de Dados. Bernes Lee (2001) a descreve como “uma nova forma de conteúdo que [...] desencadeará uma revolução de novas possibilidades”. O uso dos metadados¹ é a aposta para aprimorar a Web, pois eles possibilitam a classificação do conteúdo e tornam as buscas mais eficazes.

A Web Semântica é mais do que um conjunto de ferramentas ou uma plataforma, ela impera com um modelo de produção e leitura cujas prioridades estão no rearranjo inteligente de dados. Uma das principais características da Web Semântica iniciou-se na fase anterior, a chamada Web 2.0². Nesta fase, evoluíram muito as ferramentas de busca *online* otimizada e principalmente o uso da *folksonomia*, a produção de conteúdo baseada na ação *tagging*³. Segundo ele Wal (2007), *folksonomia* é o resultado da atribuição livre e pessoal de etiquetas a informações ou objetos (qualquer coisa com URL). Essa atribuição é feita num ambiente social, compartilhado e aberto a outros.

Cabe aos produtores de conteúdo *online* – como jornalistas – aproveitar para estruturar essas informações de forma favorável, quer seja para capturar os olhares do leitor na rota hipertextual por meio desses atratores, quer seja para criar padrões de busca e recuperação para memória da informação.

¹ “Meta é um prefixo de autorreferência, de forma que ‘metadados’ sejam ‘dados sobre dados’. [...]. Em documentos na Web, têm a função de especificar características dos dados que descrevem a forma com que serão utilizados, exibidos, ou mesmo seu significado em um contexto.” (ALVARENGA; SOUZA, 2004, p. 134).

² Web 2.0 é a revolução de negócios na indústria de computadores causada pela mudança da Internet como plataforma e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. A regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede. (O'REILLY, 2006).

³ Escrita na qual os leitores podem incluir metadados (dados sobre dados) sob forma de palavras-chave para compartilhar conteúdo. Esse modo de fazer/ler cresceu, sobretudo em redes sociais. (MOHERDAUI, 2012).

Audiência

A audiência na Web está relacionada à necessidade de informação que as pessoas têm e ao conjunto de respostas dos leitores aos conteúdos. Segundo Ruótolo (1998), essas respostas podem ser internas (como uma mudança de opinião) ou externas (como a compra de um produto ou a visualização de uma página). O jornalismo vive um desafio diário de equilíbrio entre critérios de noticiabilidade e interesses empresariais para conquistar a audiência. Os novos aspectos desse jogo são as estratégias computacionais – ferramentas de busca, uso de *tags* e otimização de sites, que agora compõem o trabalho diário.

Os buscadores ou motores de busca são ferramentas para recuperação de informação que vêm influenciando muito a rotina jornalística na Web, na medida em que alteram lógicas de audiência, porque direcionam os leitores para a URL¹ – antes mesmo que esse leitor procure o conteúdo em um portal de notícias. Os títulos dados pelos repórteres às matérias, galerias de fotos e outros conteúdos compõem a URL da página, ou seja, aparecem descritos no *link* criado para aquela publicação.

Para o jornalista, mais importante que entender tecnicamente os buscadores, é saber que as estatísticas dos motores de pesquisa fornecem indicações sobre a variação da popularidade de certas palavras-chave no curso do tempo. Os portais de notícia estão fazendo de tudo para serem encontrados na Web. Um dos recursos é aparecer no topo dos sites de busca, um resultado de estratégias de Search Engine Optimization (SEO), traduzido para o português como otimização de sites. Os mecanismos de busca usam um algoritmo – embasado em um cálculo matemático – que interpreta a relevância de uma página da Web. Entre os critérios de ranqueamento está a indexação de palavras-chave ideais, por isso elas precisam ser bem contextualizadas nos títulos das páginas, domínio do site, corpo dos textos, espaços reservados para *tags* e na etiquetagem de imagens.

Incêndio em Santa Maria

O estudo do caso da cobertura do Incêndio em Santa Maria será usado para discutir alguns aspectos relacionados ao gerenciamento de *tags*. As informações para análise foram recolhidas por meio de dados do Google Analytics

¹ Uniform Resource Locator (URL): é o endereço da página da notícia que, geralmente, aparece na barra do browser. Este é o endereço usado pelos buscadores para localizar as páginas.

e depoimento de um jornalista que participou da cobertura. A maior parte da coleta ocorreu na terça-feira subsequente ao incêndio da boate Kiss em Santa Maria/RS, em 27 de janeiro de 2013.

A cobertura feita pelo site do jornal Estado de Minas (*em.com.br*) apresentou características exclusivas de audiências por fatores relacionados ao gerenciamento de *tags* e captura do leitor na rota hipertextual. No dia 27 de janeiro de 2013, o Brasil assistiu a uma das maiores tragédias de todos os tempos. Morreram 242 jovens no incêndio da Boate Kiss, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Os jovens, maioria universitários, participavam de uma festa na casa de shows, quando um integrante da banda – que comandava a noite – usou pirotecnia na apresentação e acabou provocando o incêndio.

A notícia, provavelmente, se tornou o topo da audiência nos sites de notícias. Um dos fatores responsáveis é a própria essência jornalística que atribui valor ao fato – os critérios de noticiabilidade. A tragédia englobou os seguintes aspectos: 1) interesse social – suscitou questões de segurança em casas noturnas que se aplicam a qualquer cidade, 2) imprevisibilidade – surpreendeu a população brasileira, 3) significância e singularidade – foi um fato intenso, com centenas de envolvidos que sofreram consequências, além de ser inédito; 4) emoção – o fato foi tratado como imagem da comoção nacional porque sensibilizou a população brasileira; entre outros.

No caso específico do *em.com.br*, a cobertura do incêndio aconteceu à distância, com informações apuradas pelos repórteres, por telefone, junto ao Corpo de Bombeiros, polícia, autoridades envolvidas nos atendimentos, além de textos de agências de notícias. Além do trabalho tradicional do jornalismo, no *em.com.br* o gerenciamento de *tags* potencializou a audiência da cobertura, conforme relata o jornalista Emerson Campos:

A gente já tava com uma *audiência* que era bem atípica para o dia de domingo porque o fato em si pedia, gerava essa audiência grande. Então a gente já tinha notado que

obviamente a audiência tinha subido muito, só que a partir de certo momento a gente viu que ela se *multiplicou* quatro, cinco, seis, sete vezes. Foi aumentando e a gente ficou meio sem entender. Quando a gente entrou nessa notícia em si que tava dando mais audiência do que todas as outras e *não estava com destaque* tão grande na capa quanto as outras, a gente foi ver o que tinha de diferente nela e a gente percebeu que era a tag, *as palavras-chave de Santa Maria*. A gente até deu uma olhada nos outros sites e ninguém tava usando, tava todo mundo puxando como tragédia sul, boate, incêndio, mas não usava Santa Maria. A gente usou *o mesmo artifício* para colocar em outros conteúdos que estavam no ar, usando a mesma tag. A partir do momento que a gente colocou essa mesma tag nos outros conteúdos, os outros conteúdos também começaram a responder e a audiência a subir. (...). A galeria que começou a dar muito acesso era de fotos iniciais. O conteúdo em si não justificava tanto a quantidade de acesso. A gente sabia que não era por causa do destaque na capa, porque não tinha uma foto tão boa ainda para chamar acesso pela capa e a gente foi notar que era mais a *semântica da coisa* mesmo, de ser a palavra-chave que estava *buscando acesso* e não o conteúdo em si. (Depoimento de Emerson Campos – grifos da autora).

O conteúdo citado pelo jornalista e que fez disparar os acessos do site no dia 27 foi a galeria de fotos intitulada “Incêndio em Santa Maria”, expressão que formou a URL do conteúdo na publicação. Aproveitando o relato do jornalista, é possível entender que ele descreve uma situação de *folksonomia* reversa, em que os produtores de conteúdo perceberam qual **tag** estava capturando leitores na rota hipertextual. Eles usaram essa etiqueta para multiplicar a atração e, consequentemente, os acessos.

Inicialmente se tem alta audiência, justificada pelo valor-notícia da tragédia. Em seguida, ocorre uma multiplicação desses acessos por motivo não relacionado ao valor-notícia, pois a galeria sequer estava em local de destaque na capa do site. O que aumenta a audiência é a indexação do conteúdo pelo Google mediante a busca das palavras-chave “incêndio em santa maria”. As matérias que normalmente apresentam alta audiência são aquelas expostas com algum recurso nas capas dos portais, no Twitter ou Facebook do *em.com.br*. Esse não era o caso da galeria de fotos “Incêndio em Santa Maria”.

O jornalista só fez a descoberta sobre a *tag* porque a ferramenta de medição de audiência permite saber a origem de tráfego da leitura do site. Adiante, o artifício de *taguear* outros conteúdos com a mesma etiqueta é a ação efetiva de consciência do repórter sobre a captura do leitor na rota hipertextual, produto do que ele chamou de “semântica da coisa”. O ciclo se fecha com o acesso inesperado dos leitores e com a taxa de audiência muito positiva.

Conforme dados do Google Analytics, naquele domingo, 93,19% do tráfego na página da galeria teve origem em ferramentas de busca orgânica. De todo esse tráfego, 98,19% veio do buscador Google. As combinações procuradas nos buscadores que renderam maior audiência à galeria foram “incêndio em santa maria” (18,81%), “fotos do incêndio em santa maria” (12,92%) e “fotos incêndio santa maria”(5,42%).¹ A diferença entre as combinações de *tag* parecem sutis, podem ser por apenas uma preposição, mas mudam o cenário da audiência. Considerando que o site do Estado de Minas tem o domínio *em.com.br*, a busca das preposições “em” no Google juntamente com as palavras-chave “santa maria” pode ter ajudado no ranqueamento da página e impulsionado acessos para o site mineiro, pois a preposição está contida na URL da galeria de fotos que foi sucesso de audiência.

Os números mostram que a maior parte da audiência para esse conteúdo é de leitores capturados pela oferta que o Google fez do *link* para o site do Estado de Minas. É claro que são leitores interessados no assunto, mediante todos os critérios de noticiabilidade citados, mas que não chegaram à galeria de fotos de forma completamente espontânea. Esse leitor fez suas escolhas baseado em um

¹ Dados de palavras-chave ficam muito nebulosos porque existe uma variável do Google chamada de *not provided* – não fornecido. São *tags* que não se conseguem definir. Isso causa uma distorção no resultado final. Especialistas em SEO discutem e rediscutem o tema, mas a dificuldade de análise permanece. No caso do Incêndio em Santa Maria, o valor *not provided* foi 26,96%.

processo de cognição individual, porém optou dentro de uma oferta preparada pelo buscador. Um dos impactos disso é a mudança imediata que o produtor de conteúdo precisou fazer para se “aproveitar” desse direcionamento de leitores.

O número de novos visitantes na matéria do vídeo também é relevante, 92,15%, comprovando que o gerenciamento de *tags* capturou leitores que nunca haviam visitado o site, nem mesmo pelo conteúdo de nicho. São esses os leitores alvo da captura em rota hipertextual, aqueles que habitualmente não clicariam na capa do *em.com.br* em busca de notícia. As novas visitas não significam novos leitores engajados para o site, talvez eles nunca mais tenham voltado, no entanto, engrossaram estatísticas daquele domingo.

Considerações finais

Modelos lineares de navegação na Web, ainda disponibilizados por muitos produtores, não correspondem à expectativa do leitor que tende a fazer uma navegação nômade. No jornalismo, por exemplo, o leitor tem chegado aos conteúdos de formas diferentes pela rota hipertextual, nem sempre pelo tráfego direto a portais de notícias. O uso de buscadores impacta os processos de produção e de leitura, como foi mostrado no caso da cobertura jornalística desta pesquisa. Nesse sentido, o jornalismo digital fica cada vez mais baseado em *tags* e remixado na rede.

É nesse contexto que as palavras-chave surgem como atratoras guiando produtores nas estratégias de etiquetagem de conteúdo e capturando os leitores para conteúdos direcionados em um caminho não linear. Por causa disso, o gerenciamento de *tags* entra de vez como atividade parte da rotina de produção, mesmo que timidamente, puxada pelas ferramentas da Web Semântica e SEO.

REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, G. **Processos de criação e produção do conhecimento em hipermídia e em redes fixas e móveis: pressupostos críticos e criativos no Design de Interfaces**. Programa de Pós-Graduação em Cultura e Semiótica. PUC/SP, fev-jun. 2009.

BERNERS-LEE, T., LASSILA, Ora; HENDLER, James. **The semantic Web**. Scientific America, 2001.

LANDOW, George P. Hypertext 3.0: critical theory and new media in era of globalization. **Rev. ed. Hypertext 2.0** 1997. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2006.

LÉVY, Pierre. **Pela ciberdemocracia**. In: MOARAES, de Denis (Org). **Por uma outra comunicação**. Mídia mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. “Era do Big Data” impulsiona crescimento do Jornalismo Computacional. In: D’ANDREA, Carlos et al (Org.) **Jornalismo Convergente**: reflexões, apropriações, experiências. Florianópolis: Insular, 2012.

MOHERDAUI, Luciana. Jornalismo baseado em *tags*. In: RIBEIRO, Ana Elisa et al (Org.). **Leitura e escrita em movimento**. São Paulo: Peirópolis, p.214-228, 2010.

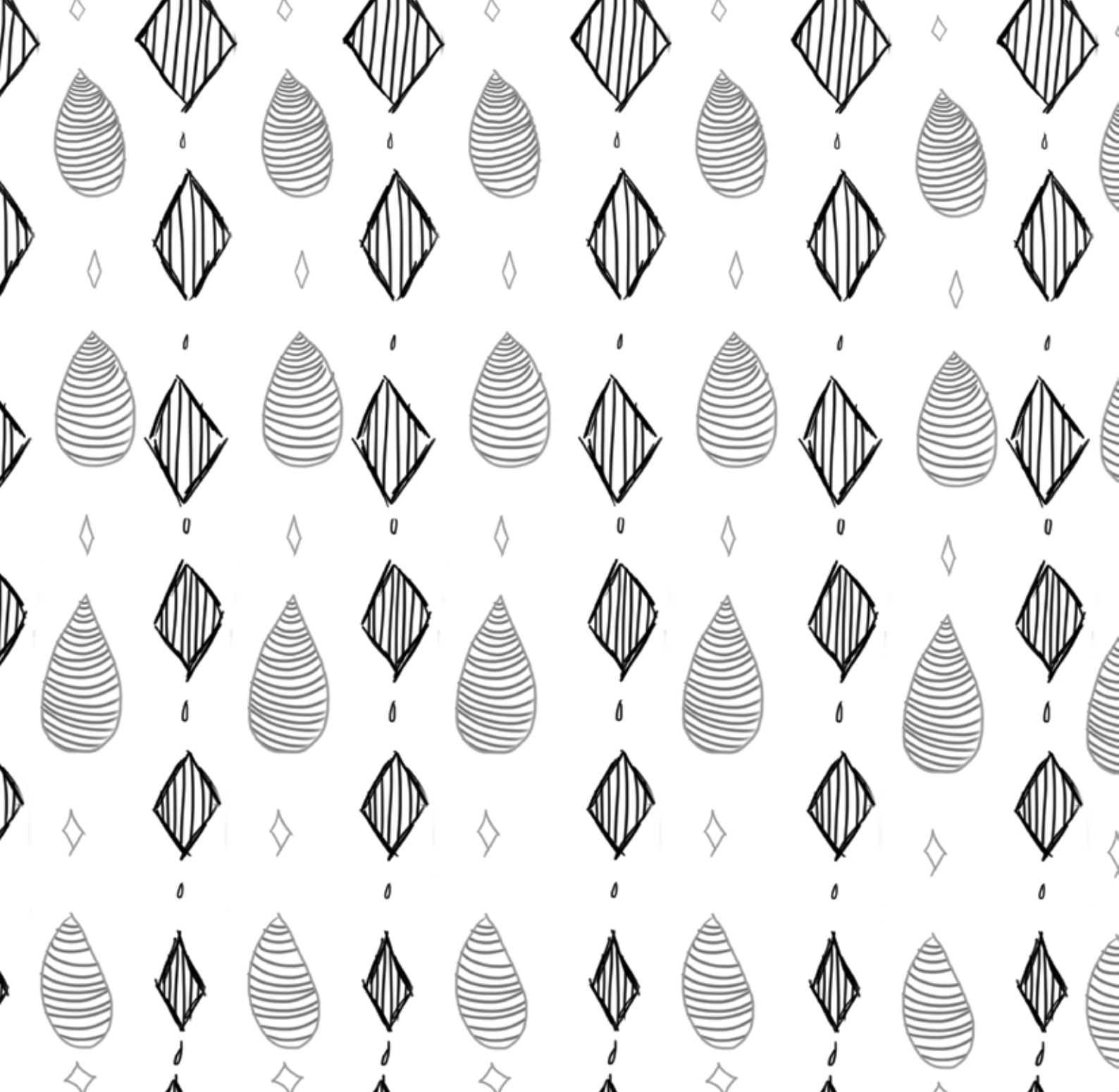
_____. **Interfaces nômades**: uma proposta para orientar o fluxo noticioso na Web. São Paulo, 2012.

O'REILLY, Tim. **Web 2.0 Compact Definition: Trying Again**. 2006. Disponível em: <<http://radar.oreilly.com/2006/12/web-20-compact-definition-tryi.html>>. Acesso em 21 abr. 2016.

RUÓTOLO, A. C. Audiência e recepção: perspectivas. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo, PósCom-Umesp, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **O crescimento extrassomático do cérebro humano**. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013. (Comunicação oral)

WAL, Thomas Vander. **Folksonomy Coinage and Definition**. 2007. Disponível em <<http://vanderwal.net/folksonomy.html>>. Acesso em: 21 de abr. 2016.



O que acontece por aqui?

Cristina Pietczak¹ Silvia Letícia dos Reis Rengel¹

A parceria realizada entre os cursos de Letras e Produção Editorial oportunizou dois dias de intensas reflexões e aprendizado sobre o futuro do mercado editorial brasileiro. O evento contou com autores e editores que atuam diretamente no processo de criação e editoração de livros. O evento teve como objetivo proporcionar aos estudantes uma aproximação com as possibilidades pós-universidade e contou com público acima do esperado. Para os organizadores Enéias Tavares e Andrio Santos o evento é uma grande oportunidade de aproximação de cursos que são parceiros, não concorrentes, que trabalham lado a lado e que estão preocupados com a construção de um produto tão rico em sentidos como são os livros, palavras que tomam forma e instigam a imaginação.

A primeira mesa do evento, Editoração Literária, teve a presença de Duda Falcão e Arthur Vecchi. Ambos são proprietários de editoras e aproveitaram para dividir algumas de suas experiências e dar dicas tanto para os futuros editores, quanto para quem se auto-publica e também para escritores.

A segunda, Projetos Transmídia, com Christopher Kastensmidt e Enéias Tavares. Christopher é um estadunidense que mora no Brasil desde 2001, teve seu início nas narrativas transmídias pelos games, hoje ele é escritor e roteirista e trabalha com livros, quadrinhos, games, audiovisual e também é diretor de transmídia em dois núcleos criativos, um em Porto Alegre e outro em Brasília. Na sequência de sua fala, ele explanou sobre sua vivência na área, e a partir disso, foi possível obter várias pistas para se trabalhar essas narrativas. Enéias completa as falas de Christopher apresentando um exemplo de um livro escrito por ele, o Brasileira Steampunk, que teve todo um trabalho para ser não apenas em um livro mas em uma narrativa transmídia.

¹Acadêmicas de Comunicação Social – Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria.

Escrita Criativa, como tema da terceira mesa, com Nikelen Witter e Andrio Santos, ambos santa-marienses, eles expuseram seus processos criativos de escrita de seus textos, dessa maneira, um pouco descritiva e até certo ponto romantizada, pode servir como um ponta pé inicial para novos escritores. Um dos pontos falados por eles, é o cuidado para não se perder na história, ou seja, começar de um jeito e terminar de outra forma completamente diversa.

A última conversa do dia, Roteiro de Quadrinhos, com André Cordenonsi e Cesar Alcázar, traz as práticas vividas pelos autores em suas produções de quadrinhos, apresentando as diferenças e as dificuldades de criar uma história ou simplesmente adaptá-las a linguagem das HQs (Histórias em Quadrinhos).

A egressa do curso de Produção Editorial, Luciana Minuzzi, também se fez presente no evento e ressaltou que “a importância pro PE é trocar experiências com quem já está no mercado, fugindo um pouco das teorias vistas na universidade; na universidade vemos mais a teoria e nem tanto a prática do mercado que eles (os palestrantes) vivem todos os dias e que também vamos viver”. Entre os



convidados era consenso a relevância do evento, para Cesar Alcázar “conversar com profissionais que já estão atuando, que já estão transformando em prática aquela teoria é super agregador de conhecimento para os alunos”, para Christopher Kastensmidt “esse evento é muito importante porque vamos mostrar vários caminhos de várias formas: tradução, revisão ou trabalhar em editoras, autores, transmídia, roteirista, tudo isso. Então vamos apresentar realmente o mercado editorial de forma mais ou menos global essas ideias, então eu acho que é super importante, ao menos para quem quer trabalhar com livros”.

O segundo dia do evento foi reservado para a realização das oficinas. Divididas em dois horários, elas visaram abordar os assuntos tratados durante as falas do dia anterior, bem como os profissionais envolvidos.

Na primeira parte da manhã foram ministradas as oficinas de Tradução literária, com Cesar Alcázar; Roteiro para História em Quadrinhos, com Andre Corde-nonsi; Autopublicação de Livros e Zines, com Luciana Minuzzi; e Escrita Criativa: Contos, com Andrio Santos. Na segunda parte os parti-cipantes do evento puderam participar das oficinas de Escrita Criativa: Horror, com Duda Falcão; O ABC da Editoração, com Artur Vecchi; Escrita de Ficção, com Enéias Tavares; e A ficção de gênero e o Gênero na ficção, com Nikelen Witter. Além das oficinas, também estavam disponíveis os livros para quem quisessem adquiri-los. Essas oficinas foram de grande valia ao público presente pois oportunizaram a aproximação com o profissional e foi possível tirar dúvidas, compreender todo o processo e a luta diária de empreender no ramo da escrita e da editoração.



Outro evento de suma importância para a formação de um bom profissio-nal e aproximação com o mercado de trabalho foi a Aula Inaugural do Curso de Produção Editorial realizada no dia 28 de abril, que contou com a ilustre presença de Waldemar Garcia Carvalho Jr., presidente do Clube de Editores do Rio Grande do Sul, gerente comercial da Editora Concórdia com larga experiência na área editorial que expla-nou sobre as oportunidades e expectati-vas do Mercado Editorial. A atividade foi realizada pela coordenação do curso, nas pessoas das professora coordenadora Liliane Brignol (coordenadora) e Aline Dal-molin (coordenadora adjunta). Waldemar dividiu conosco sua experiência, falou sobre a



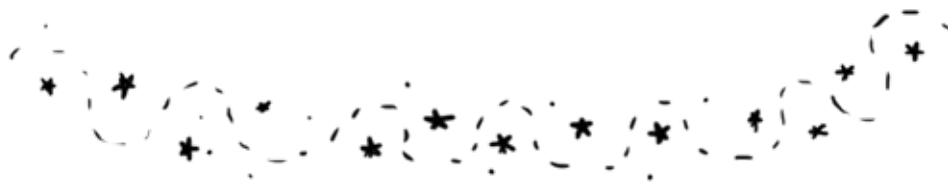
realidade do mercado e sobre as tendências para o futuro da profissão. Segundo sua visão é necessário ao profissional do livro do futuro ser inovador, pensar em novas possibilidades para além do tradicional, vislumbrar o digital enquanto possibilidade real e necessária.



Outro ponto citado por ele, com um foco mais atual, foi o fato de que a crise econômica de nosso país acaba por se tornar uma oportunidade para o mercado livreiro, pois as pessoas procuram investir em um bem mais durável, no caso o livro, como forma de entretenimento. Enquanto editor de livros religiosos e de autoajuda, Waldemar diz que esse movimento em que a busca dos leitores por autoconhecimento e esperança em dias melhores, acabam se tornando um momento favorável para o nicho de mercado.

Segundo ele, o mercado editorial brasileiro se coloca com um potencial imenso visto o amplo tamanho territorial de que dispomos, o que também se configura como um grande desafio.

Foram dois dias de intenso aprendizado, principalmente para nós, futuros produtores editoriais para que pudéssemos compreender algumas das ramificações da nossa profissão, a dos livros e produtos impressos.



A Era da Leitura Compartilhada

Andressa Spencer de Mello

Resumo

O presente trabalho procura trazer para discussão as novas práticas de leitura que vêm sendo reinventadas através da interação mediada pelo computador. Na atual era da visibilidade é preciso mostrar-se e, nesse sentido, é que a leitura vem ganhando novas experiências através do compartilhamento em sites de redes sociais. Em concordância com as ideias propostas por Travancas (2013) e Chartier (1999) entende-se que a leitura é uma prática cultural que se modifica de acordo com as transformações que ocorrem na sociedade.

Palavras-chave: Leitura. Práticas de leitura. Compartilhamento. Sites de redes sociais.

Abstract

In this present paper, it is aimed to bring to discussion the new reading practices that have been reinvented through the interaction mediated by the computer. In the current age of visibility, it's necessary for individuals to show up, and in this way, it is the reading practice that has been gaining new experiences through the sharing in the social networking websites. In agreement with the ideas proposed by Travancas (2013) and Chartier (1999), it is considered that the reading is a cultural practice which modifies itself according to the transformations that occur in the society.

Keywords: Reading. Reading practices. Shared. Social networking websites.

Introdução

A internet, sem dúvidas, tem a importante missão de democratizar o acesso à informação. A rede mundial de computadores, de acordo com Recuero (2011), tem a capacidade de difundir as informações através das conexões existentes entre os atores¹ e o seu surgimento “proporcionou às pessoas a possibilidade de difundir as informações de forma mais rápida e mais atrativa” (RECUERO, 2011, p. 60). É no contexto da internet que se encontram os sites de redes sociais (SRSs) que, de acordo com a autora, se difere do termo rede social popularmente associado a sites como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, por exemplo. Uma rede social, segundo Recuero (2011), seria uma conexão de atores, ou seja, nodos que interagem entre si. Por outro lado, os sites de redes sociais, para Recuero (2011), seriam espaços utilizados para a expressão dessas redes sociais. Dessa forma, os SRSs são um espaço de interação e, assim, “atuam como suporte para interações que constituirão as redes sociais” (RECUERO, 2011, p. 103).

Diante de tantos sites de redes sociais que possibilitam a interação entre diferentes atores, surgem as grandes comunidades de leitores cujo principal objetivo é o compartilhamento de suas leituras. Exemplo disso são os SRS como o *Skooob* que tem o objetivo de reunir leitores, além dos canais no *YouTube* onde são veiculados vídeos cujo principal objetivo é falar sobre livros (ou sobre o universo da literatura). Os chamados canais literários são administrados pelos *booktubers*, jovens que fazem sucesso na internet produzindo vídeos em que resenham e discutem determinados livros. Nesses os vlogueiros literários costumam promover maratonas literárias e criar clubes de leitura. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo trazer para discussão as novas práticas de leitura e os novos modos de interação dos atores sociais diante da era da leitura compartilhada.

A transformação das práticas de leitura

Para que se possa discutir as novas práticas de leitura é preciso discorrer brevemente acerca do livro e do seu significado cultural. Travancas (2013) entende o livro enquanto um suporte midiático que migra diversas estratégias para as plataformas digitais “nas quais sua narrativa ganha espaço e passa a circular mais velozmente em territórios longínquos” (TRAVANCAS, 2013, p.89).

¹ Recuero (2011) entende que os atores são pessoas, instituições ou grupos (os nós ou nodos) que interagem em uma rede através de suas conexões (p. 24).

Nesse sentido, as plataformas digitais possuem um importante papel na difusão dos livros e devido as transformações que o livro vem sofrendo ao longo dos anos é importante destacar que, de acordo com a autora, os novos suportes, como os *tablets*, *smartphones* e *e-readers*, aliados a eclosão da web 2.0, tem possibilitado novas práticas de leitura. A leitura, para Travancas (2013) é uma prática cultural que se diferencia no tempo, no espaço e nos grupos sociais. De acordo com a autora, se nos séculos XII e XIII a leitura era um gesto de escuta (pois era praticada em voz alta), hoje ela exige outros sentidos como o tato e a visão.

Chartier (1999), historiador que dedicou-se a investigar a história do livro e da leitura, destaca que a leitura em voz alta representava uma forma de sociabilidade compartilhada muito comum; nesse sentido, lia-se em voz alta em ambientes como cafés, salões e no interior de carruagens. Aos poucos a leitura que antes era realizada em voz alta em lugares coletivos passou a ceder lugar para um novo tipo de leitura, de acordo com Chartier (1999): a leitura silenciosa- momento em que os leitores deveriam controlar suas condutas, reprimir seus afetos e censurar seus movimentos espontâneos. Chartier (1999) afirma que esse tipo de leitura foi imposta, principalmente, pelos textos existentes nas bibliotecas, período que data entre os séculos XIII e XIV, “[...] momento que, entre os leitores, começam a ser numerosos aqueles que podem ler sem murmurar, sem ‘ruminar’, sem ler em voz alta para eles mesmos a fim de compreender o texto” (CHARTIER, 1999, p. 119).

Chartier (1999) ainda destaca que se os leitores anteriores ao século XVIII liam em espaços privados e retirados, foi no decorrer do século XIX que os leitores permitiram-se comportamentos mais livres e variados de leitura. De acordo com o autor, no século XIX, a leitura em voz alta retornou e ganhou então novos sentidos ao destinar-se a lugares específicos como a sala de aula, universidades, igrejas e tribunais até chegar a situação contemporânea em que esse tipo de leitura se reduziu apenas a relação adulto-criança. A leitura nos espaços públicos, hoje, é silenciosa e imersiva. Lê-se em silêncio nas estações de metro, nos terminais de ônibus, nos aeroportos, cafés e bibliotecas.

Chegamos então na era do texto eletrônico e do hipertexto onde cada leitor pode intervir e deixar sua marca, representando o novo suporte do texto que “[...] permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais nume-

rosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro” (CHARTIER, 1999, p. 88). Ocorreu, portanto, não só uma revolução na estrutura do suporte, mas também nas maneiras de ler, de acordo com Chartier (1999), pois

“novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler” (CHARTIER, 1999, p. 77).

Nesse sentido, o autor procurou demonstrar que as práticas de leitura se modificam de acordo com cada leitor e suporte que materializa essa leitura; por isso “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular” (CHARTIER, 1999, p.91). Assim, segundo Chartier (1999), cada leitor constrói a partir dos seus próprios códigos de leitura as suas significações. Para o autor, portanto, a leitura representa uma apropriação, invenção e produção de significados.

A era da leitura compartilhada

Em concordância com o que foi proposto pelos autores citados neste trabalho, destaca-se que as práticas de leitura de uma sociedade são importantes indicativos do contexto cultural em que está inserida. Como visto anteriormente, a leitura que antes era coletiva tornou-se individual; passou da leitura em voz alta em locais públicos para a leitura silenciosa nas bibliotecas. Entretanto, o que ocorre hoje na rede é o retorno da leitura coletiva, ou seja, da leitura na presença do outro. Através dos canais literários e dos clubes de leitura online é possível perceber novas práticas de leitura resultando em uma experiência de leitura que é mediada pelo computador. Importante destacar que há muitos aspectos individuais no processo de leitura. Cada leitor terá a sua percepção acerca de uma determinada obra; nesse sentido, o que acontece no ato de ler é que cada leitor tem uma experiência única com o livro lido, que vai diferir da experiência que outro leitor irá ter acerca do mesmo livro. Porém, é na rede mundial de computadores que a leitura coletiva volta a ganhar espaço ao contribuir com a experiência do pertencimento.

De acordo com Sibilia (2008) o que se busca hoje é “mostrar-se abertamente e sem temores, a fim de se tornar uma subjetividade visível” e “portanto, as tendências de exibição da intimidade que proliferam hoje em dia [...] não evidenciam uma mera invasão da antiga privacidade, mas um fenômeno completamente novo” (SIBILIA, 2008, p.77). A autora, ao falar sobre as formas de narração e construção do eu, destaca que na internet quem não é visto parece não ser lembrado, já que:

hoje, na internet, pessoas desconhecidas costumam acompanhar com fruição o relato minucioso de uma vida qualquer, com todas as suas peripécias registradas por seu protagonista enquanto vão ocorrendo. **Dia após dia, de hora em hora, minuto a minuto**, com o imediatismo do *tempo real*, **os fatos reais são relatados por um eu real através de torrentes de palavras que de maneira instantânea podem aparecer nas telas de todos os cantos do planeta**. Às vezes os textos são complementados com fotografias, sons ou imagens de vídeo transmitidas ao vivo e sem interrupção. É assim como se desdobra, nas telas interconectadas pelas redes digitais, todo o fascínio da ‘vida como ela é’ (SIBILIA, 2008, p. 70, grifo nosso).

Diante da busca por mostrar-se abertamente podemos destacar o fetiche existente em torno da prática da leitura: a experiência do pertencimento. É preciso pertencer a uma comunidade de fãs ou a um clube de leitores. É preciso se posicionar. Não basta apenas ler uma saga ou um *best seller*; é preciso compartilhar o que se está lendo nos sites de redes sociais. Esse compartilhamento pode se dar através de uma fotografia publicada no *Instagram*, através de uma postagem na linha do tempo do *Facebook* ou ainda através de um simples *tweet*. Porém, a experiência de leitura se torna ainda mais diferenciada através dos canais literários mantidos pelos *booktubers*. Os *booktubers* não se consideram críticos literários, pelo contrário, muitos afirmam que são apenas jovens que falam de livros para jovens; e são esses jovens que tem movimentado a era da leitura compar-



tilhada; uma leitura que começa no âmbito individual e ganha aspectos coletivos ao ser compartilhada na rede.

Nos canais literários ocorrem as chamadas Maratonas Literárias- espécie de desafios em que **booktubers** e, em determinados casos, até os seus próprios seguidores, são desafiados a lerem certa quantidade de livros em determinados períodos como é o caso da Maratona Literária de Inverno (MLI) ou da Maratona 24 horas. Nesses eventos é comum que os participantes escolham os livros que irão fazer parte do desafio e compartilhem nos SRSs cada leitura que conseguiram concluir. Outro exemplo em que é possível perceber o compartilhamento de leituras é o **Skoob**, um SRS que reúne grande comunidade de leitores. Em sua descrição, o **Skoob** traz a ideia de ser uma grande estante virtual onde os usuários podem colocar os livros que já leram e os que ainda pretendem ler, além de servir como plataforma para o compartilhamento dessas leituras com os demais usuários. Nessa plataforma, os **scoobers** podem fazer resenhas dos livros lidos e trocar informações com os demais usuários da rede. Dessa forma, o processo de leitura é constantemente compartilhado e atualizado nesse SRS que cria uma experiência de leitura coletiva, pois os usuários não leem somente os livros, eles compartilham ideias a respeito daquela leitura.

Além das maratonas literárias e do **Skoob**, existem também os clubes de leitura online, criados com o objetivo de discutir livros específicos em uma comunidade ou grupo dentro de um site de rede social. Podemos citar como exemplo o clube de leitura “Pam de Bel **book club**” criado pela **booktuber** Pam Gonçalves e pela **youtuber** Bel Rodrigues. Para que o clube de leitura ocorra, as **youtubers** criam um evento no **Facebook** e escolhem um livro para ser lido em conjunto com os seus seguidores por um determinado período (geralmente durante 30 dias). Durante o período de leitura os seguidores vão publicando na página do evento as suas impressões acerca da leitura. O primeiro evento criado pela dupla no **Facebook**, em setembro de 2015, possuía 875 usuários confirmados e o livro escolhido foi “O lado feio do amor” **best seller** da escritora norte-americana Colleen Hoover; evento que rendeu grande interação entre os seguidores. Interessante destacar, que conforme iam iniciando as leituras, os seguidores iam compartilhando fotos do momento em que estavam lendo o livro além de des-

tacarem suas impressões acerca das atitudes da personagem principal e discutirem se concordavam ou não com tais atitudes. Isso demonstra que para além de ler o livro era preciso mostrar que o livro estava sendo lido, destacar a opinião pessoal acerca da obra além de interagir diretamente com as *youtubers* e com os demais participantes do evento.

Considerações finais

A partir dos exemplos brevemente citados, foi possível perceber que a internet tem contribuído com a experiência de leitura coletiva. Uma leitura coletiva que se diferencia daquela que ocorria nos séculos XIII e XIV, pois agora é atravessada pela interação mediada pelo computador. Chartier (1999) ao falar sobre a evolução do livro demonstra certo temor ao destacar que o texto eletrônico poderia provocar um isolamento do leitor que não iria mais frequentar bibliotecas, pois teria tudo ao alcance de suas mãos com apenas um clique. Entretanto, o autor falava de uma realidade temida na década de 1990. O que se percebe hoje que é a leitura também ocupa espaços coletivos; as formas de sociabilidade não são destruídas com a internet. Ao contrário, a rede conecta fãs até mesmo de países diferentes que queiram discutir acerca do mesmo livro.

O advento do texto eletrônico não acabou com o texto impresso. Embora muitos profissionais mais entusiastas do mercado editorial acreditem que o livro impresso irá acabar o que se percebe na internet é o oposto disso. O livro possui um valor simbólico e se tornou um objeto de consumo. É preciso mostrar o que se está lendo, preencher cada canto da estante de livros, publicar fotos da coleção completa da saga favorita, afinal, “no tempo das telas, o mundo da coleção tem ainda belos dias diante de si” (CHARTIER, 1999, p. 152). Tais práticas fazem parte da era do compartilhamento e da visibilidade.

Não basta apenas ler um livro, é preciso discuti-lo com pessoas que sejam fãs da mesma saga ou que participam de uma mesma comunidade de leitores. Assim, é possível perceber que ao longo dos séculos e décadas as práticas de leitura foram se reinventando de acordo com a sociedade, com o contexto cultural

e de acordo com o suporte do livro. Não podemos mais admitir a ideia de que os jovens não leem. As práticas de leitura é que se reconfiguram, ao ponto de que para Chartier (1999) hoje o silêncio é uma conquista que é posto a prova. Como ficar em silêncio diante da era da visibilidade gerada pelo ciberespaço? Seria o mesmo que não existir de acordo com Sibilia (2008). Portanto, enquanto houver leitores e os mais variados suportes de leitura surgirão novas práticas de leitura decorrentes dos contextos sociais e culturais no qual a humanidade se insere. Cabe a nós, comunicadores, investigarmos tal fenômeno, afinal, poderíamos aqui afirmar que uma sociedade é aquilo que ela lê e consome.

Referências

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1999.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**; Porto Alegre: Sulina, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TRAVANCAS, I. O livro como produto midiático e os estudos de recepção. **In: Contratempo**. Rio de Janeiro, n. 26, p.87-105, 2013. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/245/267>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

Não fique triste, vai ter mais!

Gostou dessa edição e quer participar da próxima? É muito fácil! É só ficar atento ao edital que é lançado na página da revista no Facebook, entre março e abril, com lançamento para o segundo semestre do ano corrente. Assim você não perde a chance de fazer parte da revista e nós teremos o prazer de ler e divulgar a sua produção textual. Mas fique ligado! Você já pode começar a escrever sobre assuntos relacionados à área de Produção Editorial, que irão compor a seção livre da revista. As possibilidades de temáticas são muitas: mercado editorial, leitura, consumo, publicações digitais ou impressas, entre outros! É oportunidade que não acaba mais, não é mesmo? Está esperando o quê para se preparar? Se precisar de um incentivo é só conferir o que já foi publicado na revista, em nosso blog, ou acompanhar o processo criativo no Facebook e Instagram da O QI. Esperamos por você, até o próximo ano!



facebook.com/RevistaOQi



revistaoqi.wordpress.com



instagram.com/revistaoqi



Esta obra foi composta em Open Sans e Roboto e impressa pela
Imprensa Universitária da UFSM em papel couchê fosco 120g (miolo) e 300g (capa)
com tiragem de 350 exemplares.